



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA

BENEDITO UBIRATAN DE SOUSA PINHEIRO JÚNIOR

MULHERES MARUJAS: A FIGURA FEMININA NA FESTA DE SÃO BENEDITO NA  
CIDADE DE BRAGANÇA (PARÁ).

Bragança- PA.  
2016

BENEDITO UBIRATAN DE SOUSA PINHEIRO JÚNIOR

MULHERES MARUJAS: A FIGURA FEMININA NA FESTA DE SÃO BENEDITO NA  
CIDADE DE BRAGANÇA (PARÁ).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará-  
Campus Bragança, como exigência parcial para a obtenção do título  
de Mestre no Curso em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Orientadora: Professora Doutora Roberta Alexandrina da Silva

Bragança – PA.  
2016

PINHEIRO JÚNIOR, Benedito Ubiratan de Sousa

MULHERES MARUJAS: A FIGURA FEMININA NA FESTA DE SÃO  
BENEDITO NA CIDADE DE BRAGANÇA (PARÁ).

/ Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior. Orientadora Roberta Alexandrina da Silva [s.n.], 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Curso de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia.

1. Mulher – Poder. 2. Cultura. 3. Marujada. 4. Bragança

## TERMO DE APROVAÇÃO

BENEDITO UBIRATAN DE SOUSA PINHEIRO JÚNIOR

MULHERES MARUJAS: A FIGURA FEMININA NA FESTA DE SÃO BENEDITO NA  
CIDADE DE BRAGANÇA (PARÁ).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na  
Amazônia, da Universidade Federal do Pará- Campus Bragança, como exigência parcial para  
a obtenção do título de Mestre no Curso em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Orientadora: Professora Doutora Roberta Alexandrina da Silva

DATA DE APROVAÇÃO. \_\_\_\_/\_\_\_\_ de 2016

### BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Professor (a). Dra (a). Roberta Alexandrina da Silva

Instituição: Universidade Federal do Pará

Professor (a). Dr. (a). José Guilherme Fernandes

Instituição: Universidade Federal do Pará

Professor (a). Dr. (a). Sebastião Rodrigues

Instituição: Universidade Federal do Pará

*Pai, mãe, para vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Obrigado à minha amada filha Beatriz, pela calma de esperar. Agora papai já pode brincar com você!

Obrigado a minha esposa Karina Gaya pela enorme paciência, sem você minha vida não tem sentido;

Obrigado à mamãe, que mesmo sem entender sobre o caminho das pedras que é o mestrado, rezava por mim todos os dias;

Obrigado ao meu pai, pois eu sei que de onde estiver está olhando por mim;

Obrigado à minhas irmãs Dani, Clívia e Samara, e aos meus sobrinhos lindos que também torceram bastante;

Obrigado a minha orientadora Professora Roberta Alexandrina, pela força, pela paciência, dedicação e por não ter desistido de mim;

Obrigado meu São Benedito!

“A história da mulher é a história da pior tirania que o mundo conheceu: a tirania do mais fraco sobre o mais forte”.

**Oscar Wilde.**

## SUMARIO

RESUMO .....	9
ABSTRACT .....	10
LISTA DE FOTOGRAFIAS .....	11
1 INTRODUÇÃO .....	13
2 ABORDAGENS TEÓRICAS E REVISÃO DA LITERATURA. ....	15
3 CIRCULARIDADE CULTURAL.....	17
4 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA FESTA DE SÃO BENEDITO.....	30
4.1 SÃO BENEDITO E A MARUJADA, RITUAL E REPRESENTAÇÃO. ....	30
4.4 AS COMITIVAS .....	44
4.5 A CHEGADA DO SANTO À CIDADE.....	53
5 A MARUJADA PERTENCENTE À POPULAÇÃO BRAGANTINA, NEGROS E BRANCOS QUE LOUVAM SÃO BENEDITO.....	59
5.1 O INGRESSO DOS SENHORES DA MARUJADA .....	59
5.2 A INSERÇÃO DO BRANCO NOS RITUAIS DA MARUJADA .....	59
5.3 A MULHER NA DANÇA PARA SÃO BENEDITO.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83
7 REFERÊNCIAS.....	85
8 ANEXOS.....	89
01. Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança .....	89



## RESUMO

Esta dissertação discute o papel da Mulher na festa de São Bendito na cidade de Bragança no estado do Pará, a partir do Século XX. Analisando a bibliografia constituída por estudiosos de várias áreas como a História, Antropologia e Literatura, o estudo tenta explicar como se constituiu o feminino na festa beneditina e a importância da Maruja, nos vários cultos realizados no período da celebração, principalmente na função da Capitoa, onde ora lhe é dada elevada importância e ora está como coadjuvante em uma festa dividida entre controle eclesiástico católico e o popular, representado pelos marujos envolvidos.

**Palavras-Chave:** Mulher. Poder. Cultura. Marujada. Bragança.

## ABSTRACT

This paper majorly discusses the role of women in São Benedito's feast in the city of Bragança, state of Pará, beginning from the 20<sup>th</sup> century. Analyzing various authors' works from many different areas, such as History, Anthropology and Literature, this study attempts at explaining how the feminine figure has been constituted in the Benedictine's feast as well as the importance of the "Maruja" in many cults performed during the celebration period, especially when she exercises her function as "Capitosa", where sometimes she is exalted as important and some other times she plays a supporting role in the feast, which is divided between catholic ecclesiastic and popular control represented by the "Marujos" involved.

**Keywords:** Women. Power. Culture. Marujada. Bragança.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FIGURA 1. FAMÍLIA PERCORRENDO A CIDADE VESTIDA PARA A FESTIVIDADE. .....	24
FIGURA 2. NO BARRACÃO OS MARUJOS E MARUJAS SAEM PARA DANÇAR INDEPENDENTE DA IDADE. ....	26
FIGURA 3. DANÇA NO BARRACÃO, ONDE SE OBSERVA UMA ESTRUTURA MAIS HUMILDE E TAMBÉM A PRESENÇA DE CRIANÇAS. ....	26
FIGURA 4. APRESENTAÇÃO DA MARUJADA NO BARRACÃO DE PALHA E SEM PAREDES.....	33
FIGURA 5. IRACI CORREA, CAPITOA QUE SUCEDEU DONA SILOCA. ....	35
FIGURA 6. MARIA DE JESUS DO ROSÁRIO SILVEIRA (DONA BIA), ATUAL CAPITOA DA MARUJADA PORTANDO O BASTÃO. ....	36
FIGURA 7. MARUJA EM SEU TRAJE VERMELHO.....	37
FIGURA 8. CAPITÃO CONDUZINDO A ÚLTIMA DANÇA JUNTAMENTE COM A CAPITOA TRAJANDO VESTIMENTA AZUL. ....	38
FIGURA 9. COMITIVAS PERCORRENDO AS ZONAS RURAIS BRAGANTINAS. ....	45
FIGURA 10. AS COMITIVAS SÃO COMPOSTAS POR INTEGRANTES DE VÁRIAS IDADES.....	46
FIGURA 11. AO FINAL DOS RITUAIS ONDE SE ENTOAM AS LADAINHAS, OS AMAI JOVENS PEDEM A BENÇÃO AOS MAIS VELHOS PRESTANDO-LHES RESPEITO.....	47
FIGURA 12. COMITIVA CONDUZINDO A MORADORA PARA A PRÓXIMA RESIDÊNCIA A SER VISITADA. ....	47
FIGURA 13. ALTAR MONTADO EM UMA DAS CASAS PARA RECEBER A COMITIVA E SÃO BENEDITO. ....	49
FIGURA 14. MULHERES DE UMA MESMA FAMÍLIA LEVANDO AS IMAGENS PELAS RUAS DA CIDADE TRAJANDO AS SAIAS DE CHITÃO.....	51
FIGURA 15. TROCA DA IMAGEM BENEDITINA ENTRE AS DONAS DAS CASAS QUE RECEBEM A COMITIVA.....	51
FIGURA 16. O CHEFE DA COMITIVA CONDUZINDO A IMAGEM DE SÃO BENEDITO DA PRAIA AO LADO DO SACERDOTE RESPONSÁVEL PELA FESTA.....	54

FIGURA 17. O MOMENTO DA ENTREGA DE SÃO BENEDITO AO CLERO, A PARTIR DESTE MOMENTO O CLERO É PRINCIPAL CONDUTOR DA FESTA.....	54
FIGURA 18. ROMARIA FLUVIAL PARA CONDUZIR O SANTO DA REGIÃO DO CAMUTÁ À CIDADE DE BRAGANÇA, TODOS ACOMPANHADO O BARCO QUE CONDUZ SÃO BENEDITO.....	55
FIGURA 19. A POPULAÇÃO ESPERA ÀS MARGENS DA CIDADE DE BRAGANÇA O SANTO QUE CHEGA PELO RIO.....	56
FIGURA 20. AS MARUJAS VESTIDAS COM SUAS SAIAS DE CHITÃO CONDUZEM A IMAGEM À IGREJA.....	56
FIGURA 21. AS IMAGENS APÓS SEREM ENTREGUES AO SACERDOTE FICAM ARMAZENADAS NA IGREJA PARA VISITAÇÃO DOS FIES.....	57
FIGURA 22. A CAPITOA AO LADO DO CAPITÃO DA FESTA E AO CENTRO DA MESA O PROCURADOR E SUA FILHA.....	65
FIGURA 23. A RODA SENDO EXECUTADA COMO ÚLTIMA DANÇA DA NOITE. ...	68
FIGURA 24. "O FILHO PRÓDIGO" DO PINTOR HOLANDÊS REMBRANDT.....	72
FIGURA 25. MARUJAS TRAJANDO SUAS INDUMENTÁRIAS AZUIS NA PRIMEIRA PROCISSÃO DA FESTA DE SÃO BENEDITO ÀS CINCO DA MANHÃ. ....	75
FIGURA 26. CRIANÇAS PARTICIPANTES DOS RITOS INICIAIS DA FESTA DE SÃO BENEDITO. ....	75
FIGURA 27. MULHERES E HOMENS OCUPAM LUGARES DISTINTOS NAS PROCISSÕES DE SÃO BENEDITO.....	76
FIGURA 28. CAPITOA NA PROCISSÃO DE ENCERRAMENTO JUNTAMENTE COM A VICE-CAPITOA, EM SUAS MÃOS ESTÁ O BASTÃO QUE REPRESENTA SEU PODER DE LIDERANÇA.....	78
FIGURA 29. ANDOR SENDO CARREGADO PELOS MARUJOS BRAGANTINOS.....	79
FIGURA 30. PROCISSÃO DO DIA 26, A POPULAÇÃO E MARUJOS JUNTOS NO TRAJETO.....	80
FIGURA 31. CHAPÉU DA MARUJA FEITO COM ADORNOS EM PANO. ....	81
FIGURA 32. CORTEJO REALIZADO NA CIDADE DE QUATIPURÚ. MARUJAS BEBENDO E FUMANDO DURANTE A PROCISSÃO.....	82

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Bragança, situada a 216 km da capital do Estado do Pará, e às margens do rio Caeté, posição que lhe confere o título carinhoso de pérola do Caeté, apresenta a tranquilidade das cidades do interior, dependendo quase que exclusivamente da pesca e da agricultura. Sua paisagem formada por rios e por uma longa extensão de praias e manguezais, a transforma em uma cidade de peculiar beleza. Em 1908 a cidade Bragantina inaugura a estrada de ferro que a ligaria ao Maranhão e a Capital do Estado do Pará, Belém, colocando-a no cenário socioeconômico bastante favorável modificando sua estrutura urbana e social.

Na cidade bragantina se celebra a Festividade de São Benedito, um culto que surgiu no final do século XVIII com um grupo de escravos urbanos, prestando culto e homenagem à figura do santo católico que se identificou pela cor, negro. Estes escravos dariam início a uma das mais importantes festas do estado, desde sua origem essa manifestação passou por várias modificações e enfrentou adversidades impostas pela sociedade e pelo clero.

Nos dias atuais esta festa envolve grande parte dos bragantinos e habitantes das cidades circunvizinhas, fazendo com que os moradores dessa região e os visitantes do período revivam as manifestações culturais típicas da festa de São Benedito em Bragança, em suas diversas práticas culturais, com a predominância das danças realizadas no barracão da Marujada quando se apresentam marujos e marujas nas noites de festa. Estas manifestações remontam a um passado que se atualiza a cada ano e são advindas de uma tradição leiga e que passou a ser “institucionalizada pelas irmandades religiosas, enfatizando-se a do Glorioso São Benedito” (NONATO DA SILVA, 2006, p. 18). Neste contexto social aparece a mulher, que no decorrer dos anos ganhou destaque em quase todos os cultos da festa beneditina, tornando-se símbolo importante para a Marujada. Entre todas as Marujas está a Capitoa, representante do poder feminino na festa de São Bendito e que no decorrer dos anos ganha força pelo último documento que formaliza essa manifestação, chamado de estatuto.

A presente dissertação fará uma construção da figura feminina na festa beneditina a partir das análises documentais, relatos orais sobre a trajetória da Marujada, em um diálogo entre história, antropologia e literatura.

O primeiro capítulo apresentará os teóricos que fundamentam esta pesquisa e que corroboram, através de seus estudos, para as elucidações acerca dos temas aqui discutidos. Neste capítulo utilizam-se os conceitos de circularidade e hibridismo cultural para explicar como brancos e negros chegaram a dividir o mesmo espaço para louvar a um santo negro, tendo em vista que a Marujada foi iniciada por negros; contudo, durante todo seu processo

histórico ela foi sendo aceita pela sociedade bragantina levando-a assim a um processo embranquecimento. Ainda nesta primeira parte do trabalho se analisará as configurações sociais dissertadas nas obras estudadas para poder conceituar a formação da identidade dos participantes da festa de São Benedito.

No segundo capítulo, far-se-á uma análise sobre a constituição desta festa a partir dos documentos jurídicos que regularam a Marujada, em específico o último chamado de estatuto. A figura feminina desenhada em tais documentos e como ela atuou neste período de formatação destes, tendo em vista a peleja jurídica envolvendo clero e irmandade pela disputa da festa de São Benedito que originou a necessidade de formatação estatutária, e a participação da mulher nos vários momentos de culto ao Santo e sua importância em cada um deles, já que ela se apresenta de forma diferenciada nesses atos.

No terceiro capítulo, explicar-se-á a inserção dos brancos nesta festa que originalmente foi realizada por negros, e como a mulher se fez atuante neste processo. Para isso fez-se necessário um entendimento do estudo sobre o feminino na sociedade e sua luta por conquistas que tenta transformar a visão social sobre este grupo. Na cidade de Bragança, a Maruja percorre caminho parecido ao desse grupo, em busca de sua afirmação enquanto sujeito, tendo esta festa exaltado o feminino, tornando-o seu maior símbolo e o transformado em suas representações culturais e religiosas. Não obstante, vale elucidar que se trata de uma festa católica para um santo cristão, onde a mulher tinha ainda menos voz participativa.

Finalmente, apresento as conclusões obtidas nesta pesquisa no que diz respeito à mulher na festa de São Benedito no período que inicia no século XX até os dias atuais, enfatizando as principais mudanças ocorridas nesse período e como a Marujada atualmente apresenta padrões distintos por conta das várias interferências externas relacionadas a este culto.

## 2 ABORDAGENS TEÓRICAS E REVISÃO DA LITERATURA.

O embasamento teórico utilizado nesta pesquisa sustenta as respostas para as indagações surgidas acerca da figura mais emblemática da festa de São Benedito em Bragança: a mulher. A festa para o santo católico, realizada na região bragantina, apresenta como símbolo mais expressivo a “Maruja”, fazendo-a visualmente mais relevante em suas apresentações durante os festejos. Para isso, fez-se necessário o diálogo com alguns teóricos que vieram a corroborar com todo este trabalho, além dos relatos orais contidos nos capítulos seguintes, recolhidos durante esta pesquisa, os quais tiveram suma importância para o entendimento da constituição da festa beneditina. Na ausência de documentos que sustentassem o surgimento da mulher na festa fez-se necessário extrair dos relatos orais indícios que trouxeram um caminho a ser seguido neste trabalho, pois para Burke (2000) a história oral é um importante material de análise, e fundamentador da história de uma sociedade, “mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos” (BURKE, 2000, p.72).

No presente trabalho estão as ideias de circularidade cultural de Bakhtin (1980), quando nos elucida com conceitos de que a cultura de um povo facilmente se entrelaça entre as classes que compõe esta sociedade, ainda que de forma velada, ou mesmo disfarçada pelas classes com maior expressão social. Em sua obra *A cultura popular na Idade Moderna*, nota-se a vontade de entendimento das várias manifestações culturais, encontradas em distintos setores da sociedade, e como elas se mimetizam em determinados momentos de seu percurso histórico. Burke (2010) contribui com esses estudos ao analisar as teorias bakhtinianas a cerca deste fenômeno, para este autor, nas classes diversas encontradas na sociedade há uma interseção dos costumes e uma linha muito tênue no que diz respeito a essa produção cultural, já que estão em um mesmo espaço geográfico, levando-os a tomarem como representações pessoais que os definem como participantes daquele espaço. Outro autor que corrobora com este tema para sustentar esse viés cultural é Ginzburg (1987), já que sua obra apresenta explicações de como o “povo” pode ter um entendimento mais aprofundado das regras canônicas que circundam a sociedade como um todo, principalmente no que diz respeito à igreja.

Ao definir cultura, seguindo um pensamento mais conciso, se fez necessário às definições de Geertz (1989) e Laraia (2001), quando escrevem sobre cultura e sociedade, no

que diz respeito à acepção do homem como ser cultural. Entender toda a formatação social de uma época - já que esta pesquisa tem como recorte histórico o séc. XX - resulta no esclarecimento de como padrões sociais mais enrijecidos aceitaram que a mulher pudesse comandar a festa que viria a ser o baluarte das festas religiosas na região da zona bragantina, sendo o macho como arquétipo do poder e do comando político e social.

Como o principal objeto de estudo desta pesquisa está a mulher, far-se-á necessário discorrer sobre os trabalhos dos autores Judith Butler (2003), Joan Scott (1989), Mary del Priore (2011) e Pierre Bourdieu (2014), já que trazem uma esmiuçada pesquisa para entender como o feminino se comporta na sociedade e como acontece toda a luta que vem sendo realizada pela conquista de sua emancipação social. Na Marujada a mulher passa pelas mesmas lutas sociais do século XX, fazendo da festa beneditina um espelho desta sociedade. A construção da *identidade da Mulher Maruja* acontece a partir dessas supostas aceitações social, sendo este tema tratado de forma nebulosa no decorrer dos anos que se realiza a Marujada. Substanciando identidade cultural está o teórico Stuart Hall (2006), já que estes conceitos serão importantes para entendermos se, o que houve no decorrer dos anos na Marujada foi uma luta feminina pela conquista de seu espaço ou apenas a aceitação de um grupo de mulheres em compartilhar a gerência da mesma, aceitando as imposições, de forma velada, dos homens que administravam a cidade de Bragança.

Para del Priore (2011) a mulher teve que se reconstruir para atender as exigências sociais impostas por uma sociedade machista e pela igreja, que defendia a superioridade masculina e pregava a servidão feminina como padrão socialmente correto, seguindo uma interpretação da Virgem Maria como Mulher perfeita (Boff 1979), com isso se tentará construir o caminho da maruja na festa beneditina para entendermos se o papel construído por elas foi de luta por sua identidade ou a aceitação dos padrões ditados pelo clero.

O negro apareceu como principal protagonista na festa de São Benedito na cidade de Bragança, sendo importante a análise de como este grupo étnico se apresentava neste período, principalmente nesta região que era alvo de vários conflitos, já que estava na rota de fuga dos escravos fugidos do Maranhão, como se observa em Castro (2006). Sua obra “Escravos e Senhores de Bragança”, discorre sobre esta fase da região cauetuara, mostrando os itinerários percorridos pelos escravos entre Maranhão e Pará e como essa migração foi responsável pela constituição da população que residia neste percurso. Seguindo ainda pela formação social do negro no Brasil está André (2008) que em sua pesquisa descreve esse processo de reintegração na sociedade.



Por último, dará substância a esta pesquisa as obras dos pesquisadores locais, às quais serão necessárias para poder entender a festa de São Benedito a partir dos olhares de distintas áreas de conhecimento, como a história do Prof. Msc. Dário Benedito Nonato da Silva (2006), antropologia, com Dedival Brandão da Silva (1997), Armando Bordallo da Silva (1981) e Letras José Guilherme Fernandes (2011). Através de suas obras estes estudiosos nos deixaram um legado sobre a festa da Marujada em seus mais ricos detalhes.

Esses teóricos supracitados servirão de alicerce para levar ao entendimento a figura que ganhou maior representatividade na festa de São Benedito em Bragança. A mulher atualmente tem poderes ou somente a representação simbólica da festa? Esta será a principal pergunta a ser respondida pelo presente trabalho.

### 3 CIRCULARIDADE CULTURAL

O conceito de cultura é bastante complexo, já que decodificar uma expressão ou costumes de um povo necessita de muita observação e atenção por parte do pesquisador. Laraia explica sobre o surgimento desta expressão que mostra que “a mente não é mais uma caixa vazia” (LARAIA, 2003, p.54) e sim capaz de obter conhecimento.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocabulário inglês Culture, tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2003, p. 54).

Qualquer interpretação equivocada pode levar a uma transmissão errônea de fatos. Cada povo se difere em suas interpretações sociais, em como cada indivíduo deve proceder diante do que é certo ou errado segundo normas de condutas pré-estabelecidas pela sociedade. Não teremos um bragantino atuando no seu espaço social como um indiano, ambos seguem regras distintas e por isso se comportam diferentemente. Essa característica individual de comportamento social se define como *identidade*, sendo ela responsável pela conduta e comportamento de cada ser humano no ambiente onde este se encontra, “algo que, desde o iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos” (HALL, 2006, p. 10). A busca de identidade pelos primeiros escravos compôs o arcabouço inicial na festa de São Bendito, fazendo com que

parte da população negra absorvesse características peculiares da região bragantina, transmutando esta cultura e a consubstanciando com as da festa, ou seja, não havia mais somente a cultura do negro, ou a tentativa de expressá-la. Segundo Hall (2006) o homem busca sua forma individual de relacionamento e ainda que não venha gravada em nossos genes ela nos aloca em nosso espaço cultural.

Nessa busca pela identidade cultural, ao falar da marujada, se ressalta que neste contexto está o *gênero* que nesta festa busca ocupar seu lugar, pois, segundo Laraia (2013), estas diferenças entre sexos são miúdas, fazendo com as mulheres na marujada se coloquem como sujeito importante, também, no constructo desta manifestação cultural.

A espécie humana se diferencia anatomicamente e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra (LARAIA, 2013, p. 15).

Os grupos sociais se formam a partir da confluência de aspectos culturais compondo assim uma estrutura social nascida destas interferências. Segundo Geertz (1989) “a cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento” (GEERTZ, 1989, p.21). Nestes comportamentos podem-se encontrar claras evidências de uma ou outra cultura, sendo necessária uma observação mais minuciosa para poder identificar quais ações tiveram importâncias mais expressivas na constituição deste espaço geográfico onde estão inseridos estes grupos.

Os estudos de história regional nos fazem compreender sobre os conceitos de espaço, região e território político-administrativo, pois tentam explicar as diversas diferenças entre regiões de um mesmo país, comparando aspectos similares entre estas. Não há uma história isolada, e por este motivo se faz impossível compor um pensamento dissociado entre a história regional e uma história nacional, já que uma compõe de certa forma a outra.

A enorme e ampla variedade de diferenças entre os homens, em crenças e valores, em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir sua natureza. Consistem em meros acréscimos, até mesmo distorções, sobrepondo e obscurecendo o que é verdadeiramente humano – o constante, o geral, o universal – no homem (GEERTZ, 1989, p. 47).

Na cidade de Bragança não aconteceu de forma distinta, a composição histórica regional se entrelaça com a nacional. Formada antes por índios, padres e colonos, depois por

senhores, escravos e outros grupos étnicos, passou a ser, na fase ferroviária (1908-1966), a sociedade de proprietários de plantação e pequenos latifúndios e comerciantes atravessadores, como descreve Armando Bordallo da Silva (1981) quando menciona esta época importante na história da região

O progresso assinalado na cultura local, no comércio, na política e na pecuária, permitiu um melhor padrão educacional, com o aprimoramento das técnicas e das manufaturas; assim muitos bragantinos, até na Europa foram estudar. Com isso apareceram líderes, no interior ou na cidade, tendo força política não somente no município, como também na cúpula estadual (BORDALLO DA SILVA, 1981, p.19).

Pode-se notar o começo de uma transformação na cidade de Bragança, a estrada de ferro trouxe novas expectativas e fez com que os moradores pudessem ter acesso a novas experiências de forma mais rápida. O cenário nacional passou a ter sua distância diminuída fazendo com que os comerciantes e produtores desta região almejassem algo além, principalmente no que diz respeito à educação de seus filhos.

Não se pode excluir toda relação histórica nacional de um contexto mais regionalizado, pois ainda que se pense em uma construção histórica local, esta se deu dentro em um cenário de maior amplitude.

Os processos de construção das regiões de um país e suas específicas singularidades econômicas, políticas ou culturais não podem ser interpretados corretamente à margem da formação socioeconômica e, também, espacial na qual esses diversos recortes do território se inserem (PETIT, 2003, p.34).

Nesta formatação social, encontra-se o negro que compunha a mão de obra mais comum, criando um cenário antagônico com esta realidade, já que segundo André (2008) a relação entre senhores e escravos normalmente acontecia com finalidades laborais.

Para o negro, a relação com o trabalho era pura obrigação e, numa pequena parcela, uma escassa parte de sobrevivência nos casos em que lhes era permitido plantar e criar alguns animais domésticos para comer. O negro é tratado como uma peça de engrenagem econômica dos senhores de engenho. O próprio trabalho é corrompido no regime escravista, pois se torna o resultado da opressão, da exploração (ANDRÉ, 2008, p. 67).

No entanto, o negro é sujeito integrante deste espaço geográfico e multicultural, ainda que de forma subalterna ele compõe esta sociedade e a constitui como sujeito participativo. Sobre o conceito de multiculturalismo e multicultural e a sucinta diferença que

há entre essas duas definições, Hall (2003) elucida-nos a respeito desta, que será importante para que se entenda sobre a formatação social da cidade bragantina.

Pode ser útil aqui uma distinção entre o “multicultural” e o “multiculturalismo”. Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade “original”. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (HALL, 2003, p.52).

No que diz respeito à composição inicial da festa de São Benedito, esse elo laboral se torna singular, pois para que se pudesse constituir o culto a um Santo negro seria necessário uma desconstrução destes padrões sociais da época. O encadeamento entre a classe dominante - aqui me refiro a brancos e pardos - e os negros foi relevante, pois ainda que tenha nascido com alguns escravos, infere-se que foram estas relações que fizeram com que a festa ganhasse estruturas formais e juridicamente estruturadas. É possível encontrarmos a interferência de outras culturas na estrutura da festa, como nos mostra Silva (1997) sobre o documento chamado de “compromisso” que tornará a Irmandade de São Benedito em sociedade civil,

Ao consultar tal compromisso, uma coisa logo chama atenção: o sentido de coesão social de que ele reveste e, ao mesmo tempo, o de se constituir num instrumento eminentemente classista. Através dos seus sete capítulos, percebemos como a Irmandade se constituiu numa forma eficaz de unir pessoas que aparentemente pareciam estar atomizadas do mundo social (os escravos, mestiços e inclusive brancos), objetivando dar-lhes proteção, apoio material, espiritual e momentos de sociabilidade intensa, ora através de seus rituais, ora através de suas reuniões normativas, os quais passavam a ser entendidos como espaços de vivência política (SILVA, 1997, p. 36).

Ainda que seja notória a divisão entre classes sociais neste período histórico, vale lembrar que a festa, propriamente dita, para São Benedito, tenha sido fator de aproximação destas, pois como veremos, mais adiante, no transcorrer dos anos serviu de escusa para que houvesse um entrelaçamento das culturas de brancos e negros. Segundo Burke (2010) essa interação é aceita em determinadas práticas em que ambas as classes dividem um mesmo espaço geográfico em prol de um evento comum, como vemos nesta citação.

Outra objeção, ao que se chama às vezes de “modelo de duas camadas” de cultura de elite e popular, é a seguinte: A fronteira entre várias culturas do povo e as culturas da elite (e estas eram tão variadas quanto aquelas) é vaga e por isso a atenção dos estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas (BURKE, 2010, p.16).

Para Burke (2003) esta confluência, definida por ele como *hibridismo cultural*, se faz necessária para que se possam conceber estruturas mais sólidas, uma vez que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural” (BURKE 2003, p.02). Isso ocorre mesmo que esta irmandade tenha convivido com diversos tipos de interpretações por parte da sociedade e do clero.

As irmandades tiveram no século XX momentos que se alternaram entre o prestígio junto ao Estado e à sua comunidade, substituindo em funções teoricamente da alçada do poder público, como a assistência social e a educação, e momentos de repressão, controle, subordinação e apropriação por parte de autoridades eclesíásticas. Contudo, não se entregaram sem resistir, utilizando-se das mais variadas táticas, re-significando o próprio discurso de sua repressão (NONATO DA SILVA, 2006, p.21).

Muito embora a Irmandade de São Benedito tenha passado por momentos difíceis de aceitação por conta do clero e de parte da sociedade, na Marujada são encontrados elementos que caracterizam o que Ginzburg (1987) e Bakhtin (1987) nomearam de circularidade cultural, onde há a inserção de uma cultura em outra. No culto a São Benedito é possível identificar, por exemplo, a cultura indígena nas danças, a qual marujos e marujas as realizam arrastando o pé, ato característico nas manifestações desses povos.

A Marujada necessitou da coexistência entre culturas para se estruturar e se estabelecer como símbolo representativo da cidade de Bragança-PA. Para Bakhtin (1987, p. 23) não há nada perfeito nem completo nesta relação cultural, e sim uma expressão real de um grupo que divide um mesmo espaço social. De certa forma, foi a base sólida que engrandeceu o culto a São Benedito e que o fez seguir existindo até os dias atuais. Bakhtin explica-nos este conceito quando explora a cultura popular em sua obra, pois se pode encontrar na festa beneditina esta presença “carnavalesca” mencionada por este autor, já que em parte da festa ambas as classes utilizam as indumentárias típicas fazendo com que durante as celebrações não se possa distinguir o comerciante do trabalhador comum, sujeitos que povoam o mesmo espaço e cultuam da mesma forma ao santo.

Contrastando com a excepcional hierarquização do regime feudal, com sua extrema compartimentação em estados e corporações na vida diária, esse contato livre e

familiar era vivido intensamente e constituía a parte essencial da visão carnavalesca do mundo. O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca de mundo, única no gênero (BAKHTIN, 1987, p.09).

Podemos aqui dialogar com os dois autores que assumem grande importância quando se trata em conceituar cultura popular, pois em seus trabalhos eles descrevem como a sociedade se modifica quando se refere a aspectos culturais. Bakhtin (1987) e Ginzburg (1987) se detiveram a explicar como as sociedades precisam dessa circularidade para sua construção. Em sua obra Bakhtin detecta nas linhas rebelaianas a materialização de uma “outra visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado” (BAKHTIN, 1987, p. 4-5). Este autor exemplifica como a descontinuidade das regras canônicas pode ser importante para a composição de um povo. As festas populares tinham características que desagradavam, sendo alvo de reprovação por parte da Igreja.

O cristianismo primitivo (na época antiga) já condenava o riso. Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do diabo; o cristão deve conservar uma seriedade *constante*, o arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados. Combatendo os arianos, reprova-os por terem introduzido no ofício divino elementos de mimo: canto, gesticulação e riso (BAKHTIN, 1987, p. 64).

Na obra de Ginzburg esta circularidade acontece entre duas classes sociais, pois para ele é o “[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI” (GINZBURG, 1987, p. 13). Estas indagações acontecem quando o moleiro friulano Menochio se mostra conhecedor das obras pertencentes à “cultura hegemônica”, das quais teve contato durante sua vida. Este personagem demonstra certa complexidade em suas interpretações sobre questões religiosas e sociais, pois em Menochio encontra-se,

[...] obscuros elementos populares [...] enxertando num conjunto de ideias muito claras e consequentes, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo tendencialmente científico, às aspirações utópicas de renovação social. A impressionante convergência entre as posições de um desconhecido moleiro friulano e as de grupos intelectuais dos mais refinados e conhecedores de seu tempo repropõe

com toda força o problema da circularidade cultural formulado por Bakhtin (GINZBURG, 1987, p. 25-26).

Vale ressaltar que Ginzburg defende a inter-relação entre essas classes, pois caso não houvesse diálogo, não se poderia conceituar a circularidade. Para este autor há a necessidade do substrato informativo entre classe hegemônica e popular para que nasça o pensamento sobre este tema.

Com isto não se está de maneira alguma afirmando a existência de uma cultura hegemônica, como tanto aos camponeses quanto aos artesões da cidade [...] Apenas se está querendo delimitar um âmbito de pesquisa no interior do qual é preciso conduzir análises particularizadas (GINZBURG, 1987, p. 32-33).

Todos os questionamentos de Menochio acontecem a partir de suas leituras, ao mencionar estas interpretações o autor retoma a questão da circularidade, sobre a relação de Menochio com as obras por ele lida,

[...] parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menochio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa – um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menochio deformando sua leitura. [...] remete continuamente uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral (GINZBURG, 1987, p. 89).

Os dois teóricos, Bakhtin(1987) e Ginzburg (1987), trazem em suas obras a necessidade de diálogo entre a “classe dominante” e a “popular”, ilustrando a necessidade de interseção das mesmas. O fato, sem dúvida, de singular importância encontrado em ambas as obras é que para que se tenha uma circularidade cultural se faz inescusável a interação entre esses dois eixos sociais. Ao analisar as obras de Bakhtin (1987) e Ginzburg (1987) observa-se sua essencial contribuição para elucidar a trajetória da festa beneditina em Bragança, pois se nota uma similaridade peculiar no desenrolar da festa: a relação de desacordo com o clero e a demonstração da cultura popular como eixo importante na sociedade desta cidade. No entanto, a partir da concessão e do diálogo entre essas duas culturas é que se têm de fato instauradas a festa de São Benedito e a Marujada, sobre esta confluência entre classes e sua importância para a festa bragantina.

Em certa medida, o lado cômico e popular da festa tendia a representar esse futuro melhor: abundância material, igualdade, liberdade, da mesma forma que as saturnais romanas encarnavam o retorno à idade de ouro. Graças a isso, a festa medieval era

um Jano de duas faces: se a face oficial, religiosa, estava orientada para o passado e servia para sancionar e consagrar o regime existente, a face risonha popular *olhava para o futuro e ria-se nos funerais do passado e do presente*. Ela opunha-se à imobilidade conservadora, à sua “atemporalidade”, à imutabilidade do regime e das concepções estabelecidas, punha ênfase na *alternância* e na *renovação*, inclusive no plano social e histórico (BAKHTIN, 1987, p. 70).

A Marujada representava esse lado mais popular da festa de São Benedito, o lado risonho mencionado por Bakhtin, uma representação mais próxima do povo sem muitas sanções. As danças realizadas para o santo representam a contradição citada por este autor sobre a imobilidade conservadora do clero.

Durante os primeiros meses do ano, a população se divide pela cidade entre comerciantes, bancários, agricultores, etc., compondo um espaço urbano completamente normal, paisagem que se transforma no período em que começam os festejos na cidade por conta da Marujada. Assim como menciona Bakhtin (1987), ao se vestirem com as indumentárias típicas da festa, não há somente uma transformação do indivíduo, se não uma mudança no espaço geográfico por onde circulam. A figura a baixo mostra a família sendo conduzida pelas ruas da cidade, ato comum no período das festividades onde promesseiros desfilam com suas indumentárias pelas ruas de Bragança, este ilustra esta transformação do espaço geográfico na cidade bragantina no mês de dezembro. Algumas promessas perpassam gerações, fazendo com que as crianças já cresçam envolvidas pela festa de São Benedito, Alguns deles são levados a quase todos os rituais da festa beneditina até mesmo nas danças realizadas no barracão. A devoção a São Benedito consegue revelar uma devoção que começa desde muito cedo levando o Bragantino a se envolver com a festividade a partir de sua infância.

FIGURA 1. Família percorrendo a cidade vestida para a festividade.



Fonte. Arquivo Pessoal Família Pinheiro



No barracão onde se realizam as danças, essa mescla entre indumentárias e espaço geográfico se acentua, pois o espectador consegue visualizar uma exuberância de cores ao serem executadas as danças. As indumentárias, as danças realizadas e as músicas tocadas neste ambiente remetem às festas tipicamente populares e ilustra um ambiente próximo ao que Bakhtin(1987) menciona em sua obra como o carnaval, pois ainda que se esteja citando uma festa religiosa, há talvez uma semelhança com o “sentimento carnavalesco”, talvez até com certo teor pagão, já que para esse autor “os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo” (BAKHTIN, 1987, p.06), tal como se observa nas danças no interior do barracão, guardado todo eu valor sagrado.

Mesmo havendo aparentemente uma exposição das danças fazendo com que nesse ato se possa notar algo descontraído e profano, para o Marujo o espaço das danças é um lugar tão sagrado quanto o interior da igreja onde se celebra a missa para o santo, pois para Eliade “há, portanto, um espaço sagrado e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e, por consequência, sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos”(ELIADE,2010,p.25). O espaço de realização das danças é um lugar de onde se louva o sagrado, tão importante quanto à missa ou a procissão. As danças no interior do barracão são organizadas, normalmente pela capitoa e seguem um roteiro conhecidos por todos que aí estão, sendo adultos e crianças, já que elas também podem participar se estão aptas a realizar os passos exigidos por cada coreografia. Não há quem diga que neste momento não se esteja louvando ao santo, são danças para São Benedito.

FIGURA 2. No barracão os marujos e marujas saem para dançar independente da idade.



Fonte: Acervo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 3. Dança no barracão, onde se observa uma estrutura mais humilde e também a presença de crianças.



Fonte: Acervo Pessoal Família Pinheiro

Nas figuras 02 e 03 nota-se o barracão em períodos distintos, no entanto em ambos observa-se igual organização e sincronismo no ato da dança. Percebe-se também a presença de crianças em ambas as fotos.

As danças no barracão fazem parte de um momento da festa onde quase não se nota a presença do clero, ainda que alguns sacerdotes frequentem este recinto, observa-se muito mais uma presença popular. A harmonia deste momento da Marujada teve seus dias de ruptura. No período de 1988 (SILVA,1997,p.168) a dança do barracão quase foi separada da festa religiosa pelo clero por entender que a Marujada poderia seguir um caminho independente da festa religiosa de São Benedito, como vemos no na obra de Dedival Brandão da Silva.

Assim, uma das primeiras medidas da autoridade eclesiástica, após assumir controle da marujada, numa clara demonstração de não querer se envolver diretamente com ela – pois corresponde à parte profana da festa de São Benedito, - foi o desejo de que a marujada se auto-administrasse. Seus membros seriam os conhecedores dos seus passos coreográficos, do rito dos ensaios, enfim, eles é que seriam os conhecedores da dança, embora se pregasse a necessidade da existência de um dirigente, mas saído do próprio grupo (SILVA, 1997, p.168).

A atitude conservadora do clero reforça o receio em não desvirtuar tudo o que, para ele, era sagrado, pois as danças e o espaço simbólico do barracão, aqui referido, conceituavam o profano de uma festa que deveria ser religiosa. Para Burke (2003), este exemplo de *hibridismo cultural* foi bastante evitado, mas o que aconteceu, segundo este autor, foi o encadeamento das práticas africanas em seus ritos, como acontece na Marujada atualmente. Pode-se conceituar como hibridismo, o fato de haver interseções culturais, fazendo com que cada sujeito esteja disposto a absorver certas influências, internalizando-as como suas.

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo com a maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. Seria insensato assumir que o termo “hibridismo” tenha exatamente o mesmo significado em todos estes casos (BURKE, 2003, p.23).

É neste viés de aceitações veladas, descritas por Burke (2003), da cultura africana por parte do clero que emana a figura da Capitoa como detentora do poder simbólico da Marujada, que ganha prospecção no barracão mesmo sendo mulher e negra. É importante salientar que no contexto histórico do século XX o masculino é ressaltado, homens comandam a cidade, a cultura desta época vive sob o poder hierárquico do varão de forma exacerbada, influenciando assim nas decisões que rodeavam a festa de São Benedito, que

trouxe consigo toda a configuração dos cultos católicos os quais, de certa forma, evidenciam o masculino. Soma-se aqui o estudo de pensadoras que descrevem a relação entre homem e mulher no processo histórico, Joan Scott (1889) nos faz repensar na história ao mencionar que as descrições que conhecemos atualmente são narradas pelas visões masculinas, já que se sobressalta o olhar do macho.

No que diz respeito à participação das mulheres na história e a reação foi um interesse mínimo no melhor dos casos (minha compreensão da revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela). O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculina e feminina no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais (SCOTT, 1889, p.07).

Acreditar que as mulheres tenham participado das decisões constituintes da história de um povo não as deprecia, as manifestações que circundam o culto a São Benedito é formado com a participação da mulher, e muitas vezes essa força tenha sido pouco valorizada no contexto histórico da construção da festa, ou narrada de forma pouco importante. A interação dos vários espaços onde acontece a Marujada, nota-se a construção da identidade da Mulher Maruja, já que em todos os atos da festa beneditina ela está presente ora como protagonista, ora como atuante expressiva. Sem dúvida nenhuma a identidade feminina na festa realizada na cidade de Bragança em louvor a São Benedito vai se constituindo juntamente com a festa, para Hall essa relação entre estrutura e sujeito se faz necessária para a construção da identidade dos marujos.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos e “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com o lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p.11).

Os rituais encontrados na festa de São Benedito foram importantes na construção da identidade dos foliões e principalmente na figura feminina. O poder simbólico conferido à capitoa não nasceu da representação de um único grupo. Esta identidade, como todas outras encontradas na festa beneditina de Bragança, careceu de situações comuns vivenciadas pelos participantes desta festa.

[...] as identidades se sustentam nos rituais. Estes funcionam como mediadores de identidades na medida em que eles legitimam posições sociais, permitem inverter situações, reforçando-as. Assim, como situações que servem para manifestar uma identidade, os rituais se caracterizam pela capacidade que têm de mobilizar coisas, de atualizar, de fabricar uma série de elementos, impedindo os atores à ação (SILVA, 1997, p. 16).

A circularidade conceituada por Bakhtin (1987) e Ginzburg (1987), fez com que o feminino tivesse seu espaço substancializado, pois do contrário não seria possível admitir em uma sociedade do início do século XX que mulheres pudessem dispor de tanta relevância em uma festa católica, visto que o clero não as admitia na condução de suas manifestações religiosas. No caso da marujada em específico, há de se constatar que as representações simbólicas tenham sido importantes para aproximar realidade e representação, a necessidade do negro em expressar seus cultos e da mulher em se expressar socialmente, fugindo do tradicionalismo perdurante na sociedade. Segundo Canclini (2000), a sociedade necessita desta simbologia para que se perpetue a ordem social.

A versão liberal do tradicionalismo, apesar de interagir os setores sociais mais democraticamente que autoritarismo conservador, não evita que o patrimônio sirva com lugar de cumplicidade. Dissimula que os monumentos e museus são, com frequência, testemunhos da dominação mais que de uma apropriação justa e solidária do espaço territorial e do tempo histórico. As marcas e os ritos que o celebram fazem lembrar a frase de Benjamin que diz que todo documento de cultura é sempre, de algum modo, um documento de barbárie (CANCLINE, 2000, p.191).

O que se verifica neste primeiro capítulo é que as concepções de circularidade cultural tenham corroborado para que a mulher tivesse conseguido conquistar seu espaço de destaque na festa de do São Bendito de Bragança, e essa confluência entre classes solidificou esta personagem, transformando-a em símbolo da festa e do povo criador desta manifestação. Na confluência entre espaço e dança, o papel do ser socialmente comum se transmuda e ganha importância dentro dos ritos, sustentados pelo simbolismo que atuou desde os primórdios de sua constituição. O feminino, que é o foco principal desta pesquisa, aparece e usufrui deste encadeamento social, servindo como pano de fundo para os representantes simbólicos de maior prospecção com o santo, o milagre e a promessa.

## 4 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA FESTA DE SÃO BENEDITO

### 4.1 SÃO BENEDITO E A MARUJADA, RITUAL E REPRESENTAÇÃO.

Segundo Brandão (1949) São Benedito era italiano nascido na Sicília, filho de escravos descendentes da África, nasceu livre, já que sua mãe foi liberta por um senhor rico da casa de Lanza. Benedito foi pastor de ovelhas e enquanto pastoreava rezava sempre o rosário, foi cozinheiro do convento franciscano onde morava, e talvez por isso seja comum encontrar sua imagem repousado nas cozinhas das residências onde há um devoto seu. Sua origem humilde e sua ordem franciscana, lhe aproximava dos pobres, originando vários relatos sobre seus atos descritos como milagres, e que lhe conferiram o status de santo. Um dos mais conhecidos milagres é quando o então cozinheiro Benedito decide doar comida aos pobres colocando pão em sua vestimenta, ao ser interrogado por seu superior, pois este já o havia repellido por tal ato alegando que lhes faltaria comida, lhe mostra a batina franciscana cheia de rosas no lugar do alimento. Este ato é representado em muitas imagens, principalmente nas que recorrem à região do salgado levadas pelos foliões.

São Benedito, mesmo analfabeto foi convidado a ser superior de seu convento, indicação que lhe causou muita tristeza, pois não se considerava apto ao cargo por sua pouca instrução, no entanto foi escutado por vários estudiosos da época que costumavam ouvir suas pregações. Depois de concluído seu ciclo como administrador decidiu voltar as suas funções de cozinheiro.

É padroeiro em muitas irmandades de negros no Brasil, por sua cor e milagres entre os menos favorecidos. Na cidade de Bragança no estado do Pará é co-padroeiro, e responsável pela grande quantidade de devotos que acompanham sua festa nesta cidade no mês de dezembro.

A cidade bragantina o tem como principal representante de sua cultura religiosa, sendo muito comum encontrar a imagem de São Benedito nos comércios e casas da cidade; não é difícil encontrar famílias com várias gerações de devotos e praticantes na festa que o homenageia na cidade.

A relação com São Benedito na cidade de Bragança vem por sua proximidade com os escravos por sua cor, mas antes da igreja deste santo havia a de Nossa Senhora do Rosário, também muito próxima aos negros, e alguns singelos registros levam a crer que também havia uma irmandade de negros para esta santa antes da fundada para São Benedito.

Em Bragança, a devoção a Nossa Senhora do Rosário foi cultuada pela Irmandade da Santa, o que me leva a acreditar na hipótese de que a mesma tenha sido criada como uma irmandade de negros (?) antes da de São Benedito. Não obstante, a referida Irmandade foi cooptada pela autoridade eclesiástica, quando da chegada, a Bragança, dos padres Barnabitas, como resultado do processo de romanização, tendo a sua devoção e os seus festejos sido ofuscado pelo culto a Nossa Senhora de Nazaré, ainda que Nossa Senhora do Rosário permanecesse como padroeira da Cidade. Com o desaparecimento da sua irmandade, substituiria, entretanto, a de São Benedito, cuja devoção popularizou-se e cuja imagem passou a ser considerada, segundo a tradição popular, como sendo a padroeira de Bragança. (SILVA, 1997, p. 30)

Por este motivo temos hoje em Bragança Nossa Senhora do Rosário como Padroeira da cidade e São Benedito como seu co-Padroeiro. Em outras cidades do Brasil estes dois santos dividem irmandades que são criadas por negros. Na cidade do Rio de Janeiro há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens pretos, um exemplo desta união bem quista pelos escravos, já que nesta região foi fundada também uma irmandade por negros que ali viviam.

Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, a imagem da Santa contém um simbolismo de fé e de certeza. Por ocupar o papel de “mãe”, os fiéis tomam como certa a proteção da santa a seus “filhos negros”. Eles consideram que ela “jamais os abandonará”. Segundo os devotos, a “santa branca”, como também é classificada entre eles, representa três funções simbólicas na Igreja Católica: a ideia de “nossa senhora”, “mãe de Jesus” e “protetora da comunidade”, o que a torna “padroeira dos pretos”. Já a imagem de São Benedito possui uma cosmologia distinta: sua cor e a condição de cozinheiro o posiciona mais próximo à situação de vida dos fiéis. Assim, os devotos demonstram uma *intimidade* com o santo: “é um trabalhador e preto como eu”. São Benedito recebe nomeações que o aproximam do cotidiano do fiel: “meu padrinho”, “meu irmão pretinho”, “meu santinho”, “meu santo preto trabalhador”, “meu pretinho”, “meu fofinho”, “o milagroso”. (PAIVA, 2009, p.44)

Os sentimentos com o Santo acontecem de forma íntima nas duas cidades mencionadas, pois a aproximação o humaniza e a relação dos Bragantinos ao mencionaram São Benedito se dá de forma idêntica a mencionada por Paiva(2009).

Na cidade de Bragança diferente do que se encontra no Rio de Janeiro, existem dois templos distintos para os dois santos. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário está situada no centro da cidade ao lado da casa Episcopal, moradia dos Bispos Bragantinos, e a de São Benedito mais próxima às margens do Rio Caeté. Talvez essa separação dos edifícios também marquem a força ideológica imposta pelo clero na cidade Bragantina.

## 4. 2 A MARUJADA NA FESTA DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA

A Marujada na região nordeste e em outras partes do Brasil, é uma dança dramática de origem Ibérica, “trata-se de um auto dramatizado na tragédia marítima da nau Catarineta e onde predomina o canto sobre a dança” (BORDALLO DA SILVA, 1981, p.64).

A Marujada na festa de São Benedito na cidade de Bragança representa a parte profana da festa religiosa, dentre os atos ditos profanos estão: as danças no Barracão, o almoço oferecido pelos Juízes, o leilão e a cavalhada. Os antigos escravos em agradecimento aos seus senhores em tê-los deixados expressar seus cultos dançavam diante de suas casas para expressar sua satisfação.

Há uma origem comum da Marujada com a Irmandade de São Benedito. Quando em 1798, os senhores atenderam ao pedido de seus escravos para a organização de uma Irmandade e foi realizada a primeira festa em louvor de São Benedito, os negros em sinal de reconhecimento, incorporados, foram dançar de casa em casa dos seus benfeitores. No ano seguinte, nova manifestação de agradecimento, com danças à porta, ficando como praxe, daí por diante essas exibições coreográficas. (BORDALLO DA SILVA, 1981, p.66)

Marujada como atos pagãos não eram bem vistos pela sociedade até meados do século XX, segundo Nonato da Silva, em entrevista, só participavam destes atos negros e pobres, as danças realizadas para São Benedito era o reflexo das classes mais baixas da sociedade, sendo muito difícil encontrar participantes nesses atos da festa que não pertencesse a essas classes. Por muitos anos o clero desconsiderou estes cultos como sendo partícipes da festa religiosa de São Benedito, como se verá nos capítulos seguintes, já que ela não atendia os ritos cristãos imaginados pela santa sede.

A festa de São Benedito em Bragança nasceu pelas mãos dos escravos, o louvor ao Santo acompanhado dos rituais de danças estão sempre juntos nessa construção histórica da festa, no entanto a Marujada só se estabelece como parte essencial da festa beneditina “a partir de 1947 com a transformação da Irmandade em uma organização civil” (SILVA, 1997, p. 166). No período de 1947 a 1988, os marujos que dançavam no barracão, perante a Igreja eram visto somente como um grupo folclórico, e por isso, não representavam a festa para São Benedito. As danças eram executadas em barracão aberto, coberto de palha bem próximo ao povo (figura 04), enfatizando esse valor carnalizante e pouco sagrado.



FIGURA 4. Apresentação da Marujada no barracão de palha e sem paredes.



Fonte: Arquivo pessoal Família Bordallo.

A Maruja é composta por homens e mulheres liderados pela Capitoa, o Capitão, a Vice-Capitoa e o Vice-Capitão. A figura feminina tem maior expressividade, sua representatividade é superior ao homem, ele é apenas o acompanhante da Capitoa nas danças.

A Marujada é constituída quase que exclusivamente por mulheres, cabendo a estas a sua direção e organização. Os homens são tocadores ou simples acompanhantes. Não há número limitado de marujas, nem tão pouco há papéis a desempenhar. Nem uma só palavra é articulada, falada ou cantada, como ato ou argumentação. Não há tampouco dramatização de qualquer feito marítimo, nem qualquer referência à nau Catarineta. A nossa Marujada é estritamente caracterizada pela dança, cujo motivo musical único é o retumbão (BORDALLO DA SILVA, 1981, p.66).

Nessa estrutura interna da festa a mulher ganha status de Rainha e no período da festa ela é a figura mais importante de cidade ainda que este poder lhe seja concedido apenas no período em que acontece a festa. Segundo Nonato da Silva, em entrevista elucidada sobre este tema:

*\_ a capitoa é uma figura simbólica do ritual da prática cultural, porque que eu chamo a prática cultural de ritual, porque é a composição de um rito, há uma inversão do papel feminino, estou falando na leitura do hoje no XVIII a mulher não está nos primeiros compromissos, existe a figura da mordoma.*

*\_ A capitoa tem uma função hoje, ela é um aparato simbólico, ela representa um poder temporal, porque é passageiro, embora a função seja vitalícia é um poder temporal e isso envolve uma luta por que houve uma desgraça quando morreu a “siloca” por que a vice da siloca não era a Iraci, era a Elza, preste bem atenção, e “Siloca” não era a vice da “Benedita Tamanquinho” a vice era a Elza, então quer dizer, houve um erro histórico comprovado a Elza mãe da mulher do Elcem, da “celinha” do Elecem, então há uma briga aqui por esse poder temporal, existe o poder simbólico, o poder temporal e a função social. Aqui acontece uma coisa que é muito engraçada ela só é liderança, ela só é a benigna, ela só é importante no período do ciclo da festa, então a identidade dessa mulher só existe na festividade de São Benedito durante a maior parte do tempo a capitoa era, é uma mulher qualquer como qualquer pessoa, ela passa pela rua sem importância nenhuma, como qualquer pessoa, mas quando ela se traveste com aquela indumentária naquele período da festa ela é a rainha de Bragança, quer dizer, a identidade dela se dá na festa ela não pode ser interpretada “a capitoa” aqui só pela roupa, não pode, ou só pela data, não pode, ou só pelo que ela porta, só porque ela porta o bastão, o bastão foi invenção, era uma rosa que ela carregava, doutor Bordallo escreve isso, por quê? Porque você tem que dar simbologia ao poder, então a Capitoa não pode ser interpretada só por isso, ela deve ser interpretada por sua identidade e pela formação histórica da antiga IGSBB (Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança) que hoje é a irmandade da Marujada.*

A primeira Capitoa foi escolhida por eleição entre as Marujas (BORDALLO DA SILVA, 1981) todas as outras posteriores são sucedidas por suas Vice-Capitoas ou escolhidas pela Capitoa, como visto na entrevista de Nonato Rodrigues, houve uma distorção nesse processo histórico de sucessão. Ocuparam este cargo segundo Bordallo da Silva (1981), desde sua fundação, as seguintes Marujas.

- Leocádia Maria da Conceição, escrava de José Caetano da Mota.
- Serafina Maria da Conceição, até 1928, quando faleceu.
- Olímpia Maria da Conceição, deixou a função em 1933, por sua vontade, sendo substituída por:
- Silvana Rufina de Souza, nascida em 10 de julho de 1867 e falecida em 26 de novembro de 1948.
- Maria Agostinha da Conceição, sendo que sua Sub-Capitoa era Cândida Maria de Morais, falecida em 31 de abril de 1957, dando lugar à Benedita Tamanquinho.
- Benedita Tamanquinho

- Fermina Pereira de Sousa, Conhecida como Dona Siloca, deixa seu posto em 20 de junho de 2004.
- Iraci Correa (figura 05), falecida em 02 de agosto de 2014. Teve como Vice-Capitoa a Sra. Orzanira Furtado Mescouto (Dona Zazá) falecida em 18 de março de 2014, aos 68 anos.
- Maria de Jesus do Rosário Silveira, conhecida como Dona Bia (Figura 06), é a atual Capitoa da Marujada.

FIGURA 5. Iraci Correa, Capitoa que sucedeu Dona siloca.



Fonte: Arquivo Pessoal Elves Reis

FIGURA 6. Maria de Jesus do Rosário Silveira (Dona Bia), atual Capitoa da Marujada portando o bastão.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

O posto de Capitoa ainda que se seja temporal, é o responsável de salvaguardar algumas tradições na condução das danças e vestimentas, essa autoridade ainda é percebida nos discursos dos integrantes pertencentes à atual irmandade de Marujada. No decorrer da história a mulher na figura de capitoa tentou afirmar seu poder na festa de São Benedito, e nesse trajeto enfrentou, e ainda enfrenta, o poder masculino disfarçado nas posições administrativas da festa, o procurador e o clero ainda disputam esse poder conferido à capitoa, quicá por questões sociais a mulher maruja tenha assumido muito mais esse valor simbólico, já que o poder que lhe foi conferido desde as primeiras versões da festa tenha sido minorado pelo varão.

A Capitoa carrega um bastão de madeira, enfeitado com papel e flores vermelhas e brancas representando as cores do Santo, este artefato simboliza a diferença desta Maruja entres as outras nas procissões, é o símbolo de seu poder na festa de São Benedito.

As Marujas trajam uma blusa branca, antigamente feita em algodão e atualmente em cambraia, uma saia vermelha ou azul também em algodão, que vai até o tornozelo (figura 07). A tiracolo usa-se uma fita que acompanha a cor da saia, vermelha ou azul, e ao final uma flor

da mesma cor da fita. Usam colares feitos de contas, cordões e medalhas de ouro e outros adornos que obedecem às cores da vestimenta, em harmonia sem perder a exuberância.

O chapéu é o adorno mais exuberante de sua indumentária, ele é coberto com um pano dourado em sua parte interna e externa, cordões são presos em sua lateral e dele descem fitas de várias cores, dentre todas elas a preta não pode faltar, pois representa São Benedito. No alto são colocadas plumas brancas, o que transforma este adereço em algo suntuoso, dando a mulher aparência de rainha. O chapéu da Maruja representa sua identidade, dificilmente são emprestados por conta de seu valor simbólico. As Marujas também usam uma vestimenta utilizada para os ensaios e a chegada das comitivas na Igreja, esta é composta de uma camisa Branca e uma saia de chitão.

O marujo veste roupas mais modestas. Calça branca e camisa azul ou branca. Leva uma fita amarrada no lado esquerdo que pode ser vermelha ou azul, dependendo da camisa usada. O chapéu é revestido de pano branco, tendo a aba esquerda virada e presa por uma flor da mesma cor da fita que o circula.

FIGURA 7. Maruja em seu traje vermelho.



Fonte: Arquivo Pessoal Elves Reis

FIGURA 8. Capitão conduzindo a última dança juntamente com a Capitoa trajando vestimenta azul.



Fonte; Arquivo Pessoal Elves Reis

Para representar os antigos escravos, todos os Marujos andam descalços, e até mesmo na procissão mais longa essa prática é obedecida por todos que participam.

Os marujos dançam no barracão situado ao lado da Igreja de São Benedito (Figura 08) e saem em cortejos em três momentos, dois ao redor da Igreja e outro na maior procissão pelas principais ruas da cidade, como se verá mais adiante.

Capitão e Capitoa dançam juntos na primeira e última dança no Barracão, os outros Marujos só podem iniciar seus atos após a saída dos mesmos. Logo após esse ato ambos se sentam e observam todo ritual que acontece no interior do recinto.

#### 4.3 A CRIAÇÃO DA FESTA DE SÃO BENEDITO NA CIDADE DE BRAGANÇA PARÁ

A festa de São Benedito é um dos mais importantes cultos da região bragantina, remonta a 1798 a fundação da irmandade para esta festa que, segundo relatos, foi iniciada por escravos que pediram aos seus senhores a permissão para construir uma igreja ao Santo de sua devoção e por sua cor os pudesse representar (BORDALLO DA SILVA, 1959, p.61). Segundo Bordallo da Silva (1959), o primeiro compromisso data de 03 de Setembro de 1798, firmados pelas seguintes pessoas: Pedro Amorim, Simiam da Costa, Pedro Rodrigues, Luciano de Amorim, Francisco Pereira, Francisco Ferreira, Matheus Ferreira, José Manuel,

Xavier Felipe, Barnabé Pinto, Domingos Ribeiro, Antônio da Cunha, João Divino e Calisto da Costa (BORDALLO DA SILVA, 1959, p.62). Este não foi o único documento feito para regulamentar a festa de louvor a São Benedito. Um segundo compromisso foi constituído tempos depois para complementar o anterior, pois achavam que o mesmo era carente em alguns quesitos. O novo documento data de 01 de Maio de 1853 e o assinaram: José Albano de Melo a rogo de Raimundo Antônio Vieira, Agostinho de Brito a rogo de Athias Antônio da Silva Ribeiro, Antônio da Silva Nery a rogo de Miguel Arcanjo da Silva e muitos outros (BORDALLO DA SILVA, 1959, p.62)

Depois houve um terceiro documento nomeado de estatuto, que foi constituído na data de 07 de Julho de 1946. Este último, firmado na ausência do então bispo Don Eliseu Coroli, causando certo desconforto. É Flodoaldo de Oliveira Teixeira, comerciante bastante influente na cidade, que convoca a reunião da Assembleia Geral, com a presença de outros membros da Irmandade, no intuito de transformar a Irmandade em Sociedade civil. Neste momento tornou-se uma “sociedade de personalidade civil” (BORDALLO DA SILVA, 1959, p.62), apoiada por: Flodoaldo de Oliveira Teixeira, Benedito Augusto Cezar, Luiz Paulino dos Santos Mártires, Tomás dos Santos Martins, Manoel Sarapião da Mota, Sebastião Ancho Barbosa, Manuel Inácio Martins Pereira, Cândida Maria de Mercês, Odorico Antônio do Nascimento e muitos outros (BORDALLO DA SILVA, 1959, p.62).

Nos documentos, criados para estabelecer regras para a festa de São Benedito, é interessante salientar a preocupação em mostrar que a festa era frequentada não só por escravos, mas por pardos e brancos; homens e mulheres. Como vemos no artigo primeiro do documento de 1853.

Art. 1º – A Irmandade de Glorioso São Benedito desta cidade será composta de pardos e pretos de ambos os sexos

Nestes documentos já se apresenta a possibilidade da mulher compor juridicamente a festa, o que era improvável para o período em que se estabeleceram por conta da função social que ela exercia, pois as regras sociais se direcionavam para uma conduta “machista”, colocando-a em papel inferior socialmente. A mulher procurava ocupar seu lugar de mãe e esposa dedicada, e isto a transformava em exemplo a ser seguido, enquanto os homens estavam responsáveis pelo o abastecimento da casa. Toda formatação distinta ao que se mostrava era rechaçado perante a sociedade. Algumas pensadoras tentavam desconstruir essa

imagem feminina imposta pela sociedade dos séculos XIX e XX, a visão de inferioridade intelectual que as faziam serem ignoradas socialmente.

ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, portanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como essencial (DE BEAUVOIR, 1970, p. 23).

A relação homem/mulher perpassa pelas obrigações a que elas estavam destinadas, pois esta submissão transbordava para sua vida social. As esposas estavam designadas a exercer funções ligadas à igreja, aumentando esta visão celestial da mulher socialmente preparada para servir ao homem. Segundo Bourdieu, a mulher exercia o trabalho, que na visão masculina fora designado para elas, já que, segundo o regimento da sociedade o sexo feminino não estava apto a executar tarefas que requereria mais inteligência política.

E compreendemos que, por essa lógica, própria proteção “cavalheiresca”, além de poder conduzir a seu confinamento ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres afastadas de todos os aspectos do mundo real “para os quais elas não foram feitas” porque não foram feitas para elas (BOURDIEU, 2014, p.77).

Estes documentos da Marujada, de certa forma, formalizam a entrada da mulher na festa, no que diz respeito a sua constituição jurídica, pois desde a formação original, como vimos na composição do primeiro compromisso, os integrantes eram todos varões. Ao tornar-se participante das decisões formais, a mulher deixa a conotação simbólica e passa a atuar como participante ativa das decisões que envolveriam a festa de São Benedito, divergindo com o cenário social nacional.

Segundo Silva (1997), a Irmandade de São Benedito de Bragança conseguia envolver as etnias que compunham a cidade. Para este autor, tal preocupação está presente nos documentos da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB) e certamente essa formatação eclética ajudou, sem dúvida, a mulher na constituição da festa.

Através dos seus sete capítulos, percebemos como a irmandade se constituiu numa forma eficaz de unir pessoas que aparentemente pareciam estar atomizada do mundo social (os escravos, mestiços e inclusive brancos), objetivando dar-lhes proteção, apoio material, espiritual e momentos de sociabilidade intensa, ora através de seus



rituais, ora através de suas reuniões normativas, os quais passavam a ser entendidos como espaços de vivência política (SILVA, 1997, p. 36).

O grupo de bragantinos, que estaria responsável em organizar e executar todos os atos relacionados à festa do Glorioso São Benedito, começa a despertar certa discordância do clero. Segundo Nonato da Silva, já em 1938 se notava inquietação por parte do Barnabita Eliseu Maria Coroli, que estava residindo em Bragança, no que diz respeito à condução e realização de alguns atos, como a venda de bebidas e a implantação das casas de jogos. O que para ele constituía a parte profana da festa.

No dia 25 e 26 de dezembro de 1936, segundo o registro no tomo, padre Eliseu Coroli crismou 176 pessoas por ocasião da festa. Dois anos mais tarde, mesmo com o aumento do número de crismas realizadas, já se notava certa aversão do barnabita para com a festa, conforme o mesmo diário de "*dezembro - 26 - festa de São Benedito em Bragança; predomina o barulho. 253 Crismas*" (NONATO DA SILVA, 2006, p.83).

No ano de 1939 o então padre Eliseu participa do Concílio Plenário Brasileiro de onde trouxe diversas mudanças a serem realizadas, principalmente no que se relacionava às festas populares. Neste mesmo ano começaria o controle da festa de São Benedito, pois segundo o clero havia certo descontrole nas comemorações da festa. Para Fernandes, este controle se deu pelo fato da marujada não atender as normas estabelecidas pelo clero, “isto porque a marujada somente poderia ser vinculada a um ritual religioso se fosse implementada pelo clero, não por leigos, em culto profano, numa nítida disputa de quem poderia ou não ser responsável pelos rituais e práticas religiosas” (FERNANDES, 2011, p.60).

A festa que inicialmente servia para que os escravos pudessem expressar suas identidades, agora se via sob as regras do clero. Isso desagradou parte da população e principalmente o grupo de pessoas constituinte da sociedade civil relacionada à sua organização. É notório que a população bragantina do início do século XX se fazia relutante à tamanha imposição, já que tal ato culminaria na amputação de vários divertimentos que a festa de São Bendito trazia, e dos quais a população usufruía.

A querela envolvendo clero e Irmandade fazia com que as danças, parte profana da festa de São Benedito, fossem vistas com menor importância. Segundo Silva (1997), o clero não conseguia visualizar a Marujada como parte integrante da festa de São Benedito como vemos na citação seguinte.

No período em que estende de 1947 a 1988, o grupo de dançadores substituiu como grupo folclórico perante a autoridade eclesiástica. Para esta, na pessoa do padre, apesar de ele ser considerado como de “dentro da comunidade católica”, não era reconhecido como uma entidade que fizesse parte das funções da igreja, mas sim como uma “sociedade folclórica” (SILVA, 1997, p. 166).

Diante deste fato ficam desconectadas da festa de São Benedito as danças e a representação principal da festa, já que a Marujada não poderia ter seus ritos vinculados ao santo. O sentimento de identidade é rompido, fazendo com que as expressões realizadas no interior do Barracão perdessem seu valor sagrado, e a figura da mulher diminuída, já que neste recinto é nítida a gerência feminina dos atos aí executados.

Somente na formalização do estatuto se vê a capitoa citada nos art. 43 e 46, onde se instaura oficialmente suas funções perante a Marujada.

*Art 43º. O Conselho da Marujada é o órgão da administração da Marujada. Ele se compõe de uma “Capitoa” e de seis membros.*

*Art 46º. A “Capitoa” administrará a Marujada da melhor forma possível, de comum acordo com os demais membros do Conselho, (Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.)*

Vale ressaltar que o estatuto solidificou a Marujada como sendo parte integrante da festa de São Benedito de Bragança, trazendo consigo todas as representações ditas pagãs, dentre elas as danças realizadas no barracão.

*Art 5º. Dentro de suas finalidades a Irmandade, procurará manter as mesmas tradições de regozijo social pela sua existência e primitiva organização. Assim é que, tendo sido formado pelos primitivos irmãos uma organização profana de regozijo popular, que se denominou “MARUJADA” e que é a manifestação folclórica mais expressiva e genuinamente bragantina, será a mesma incorporação a sua organização, para melhor protegê-la e organizá-la da forma como trata o Capítulo V e artigos deste Estatuto. (Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.)*

No período que compreende os fatos que levaram à disputa judicial entre clero e Irmandade da festa beneditina na cidade de Bragança, é de maiúscula notoriedade a disputa por poder que Bourdieu (2014) chamou de simbólico neste cenário justificado pela intenção do gerenciamento dos atos religiosos presentes na festa de São Benedito, mas que em sua realidade se tratara de uma disputa entre classes dominantes.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio de estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2014, p. 10).

Nestas circunstâncias ficaram os sacerdotes impedidos de exercerem suas atividades eclesiais na Igreja de São Benedito. Toda a administração tornar-se-ia incumbência dos representantes da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB). O substrato das mudanças estatutárias consistia, então, no desejo manifesto da nova Irmandade: “criar personalidade jurídica própria de acordo com a lei dos Registros Públicos” e, com isso, manter a sua relativa autonomia frente àquele poder. (SILVA, 1990, p. 47)

Tais mudanças estatutárias também concediam à IGSBB o poder de gerência sobre os bens materiais e da própria Igreja, pois “com a modificação do seu estatuto a Igreja de São Benedito passou a ser administrada pessoalmente pelo procurador” (SILVA, 1990, p.47), além de responsabilizar-se pela organização das procissões e das ladainhas. Este fato compôs o arcabouço histórico que, ainda que tenha causado certo incômodo entre a população e o clero, serviu para desencapotar a tentativa de preservar a memória da festa que nasceu com cunho popular. Para Le Goff, o homem busca essa tentativa de preservação da memória fazendo prosseguir intenções pensadas na criação das representações populares.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressão ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (LE GOFF, 1990, p. 366).

O fato mais vultoso nesta testilha judicial, é que os principais protagonistas são do sexo masculino, já que na década de 40, período em que acontece este processo histórico da festa, a mulher tinha pouco valor expressivo na sociedade. Segundo del Priore (2011) a sociedade ainda via a mulher de forma subalterna e quase que exclusivamente designada aos afazeres domésticos.

Como esposa, seu valor perante a sociedade estava diretamente ligado à “honestidade” expressa por seu recato, pelo exercício de suas funções no lar e pelos inúmeros filhos que daria ao marido. Muitas mulheres de trinta anos, presas ao ambiente doméstico, sem mais poderem “passear” – “porque lugar de mulher honesta é no lar” -, perdiam rapidamente os traços da beleza, deixando-se ficar

obesas e descuidadas, como vários viajantes assinalaram (DEL PRIORE, 2011, p.79).

Segundo Bourdieu (2014) esta relação social de “*dominação simbólica*” enfatiza o fato das mulheres estarem engendradas nesta relação de poder, pois o “poder simbólico não pode ser exercido sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o *constroem* como poder” (BOURDIEU, 2014, p.52). Por este motivo não se observa a participação feminina de forma expressiva neste capítulo tão importante da história da Marujada, no entanto foi a partir destes problemas enfrentados pela Irmandade que a mulher ganhou força estatutária e respaldo jurídico, principalmente no que diz respeito a sua autoridade na Marujada, já que é somente depois deste ato jurídico que se constitui de fato um documento que aparece claramente o poder dado a capitão no barracão. A realização das danças até então eram atos aliçados da festa religiosa a São Benedito, bem como o ato de serem gerenciadas por uma mulher.

#### 4.4 AS COMITIVAS

As comitivas (comissões) são compostas por um grupo de promesseiros (esmoladores) que percorrem as regiões próximas à cidade de Bragança (Figura 09), angariando donativos para a festa de São Benedito, realizada no mês de dezembro. Estes grupos são formados por agricultores e pescadores pagadores de promessa ou atraídos pelo soldo recebido durante o tempo de peregrinação.

A roça compreende espaço produtivo por excelência do grupo. Nela se cultivam os produtos tidos como mais importante na sua produção econômica, como a mandioca, responsável pelo fabrico da farinha, além do feijão, do milho, do arroz, do tabaco, e de outras culturas tidas como “menores”, mas nem por isso menos importante: o jerimum, o maxixe, a melancia, o quiabo (SILVA, 1997, p.63).

FIGURA 9. Comitivas percorrendo as zonas rurais bragantinas.



Fonte: Arquivo Pessoal Elves Reis

Os foliões percorrem várias regiões distantes do centro urbano, fazendo com que a imagem de São Benedito visite diversos povoados. Para estes interiores, normalmente, é o mais próximo da festa de São Benedito que podem chegar dada a distância geográfica. Muitas narrativas são encontradas no itinerário das comitivas, casos de pessoas que mantêm uma relação bem peculiar com São Benedito. Segundo Fernandes, é

interessante observar que a distribuição das comitivas parece obedecer a uma escolha geográfica e paisagística, porquanto cada comitiva é responsável em esmolar em biomas distintos, que se relacionam com atividades econômicas distintas: a praia é o espaço de pescadores; os campos das atividades pastoris; e a colônia das atividades agrárias. Por mais que a divisão, segundo um dos esmoladores e encarregado, ocorra por uma necessidade de alcançar uma especialidade cada vez maior de devoção ao santo preto (FERNANDES, 2011, p. 66).

Os grupos são divididos em comitiva da praia, dos campos e das colônias. Cada uma delas percorrem distintos trajetos e carregam imagens diferentes do São Benedito (Figura 10), e carregam flâmulas de distintas cores. São formados por grupos que normalmente se predispõem a passar vários meses percorrendo a pé as regiões da zona do salgado, e cada uma delas é gerenciada por um folião encarregado pela condução e por não deixar que os demais descumpram com suas obrigações. Não há uma idade exata para participar deste ato (figura

10), e o que se encontra normalmente é a mistura de várias gerações. As ladainhas são entoadas em vários momentos de seu percurso e ao final das mesmas os mais jovens pedem a benção aos mais velhos participantes da comitiva como forma de respeito (figura 11).

FIGURA 10. As comitivas são compostas por integrantes de várias idades.



Fonte: Acervo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 11. Ao final dos rituais onde se entoam as ladainhas, os amais jovens pedem a bênção aos mais velhos prestando-lhes respeito.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 12. Comitiva conduzindo a moradora para a próxima residência a ser visitada.



Fonte: Arquivo Pessoal Elvies Reis.

Ao entrar nas casas com suas ladainhas e orações, a comitiva consegue estabelecer um sentimento distante do racional, pois durante sua recorrida observa-se uma transmutação do espaço habitualmente normal em algo sagrado. As ladainhas, flâmulas e o cortejo da

população proporcionam a “cosmização dos territórios” (ELIADE, 2010, p.35). Para Eliade (2010) estes elementos se fazem importantes para a ligação entre o divino e o profano. Nas residências dispostas a receber São Benedito destina-se um cômodo ornamentado na tentativa de convertê-lo nesse espaço sagrado.

Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não-religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma *outra* realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana (ELIADE, 2010, p. 28).

As casas são preparadas para receberem as comitivas e o santo, e nesse cômodo designado aos atos de adoração, há uma transformação do local familiar em um ambiente sagrado, onde os moradores da casa e seus vizinhos fazem oração a São Benedito, já que durante a visita das comitivas todos os moradores da vizinhança são convidados a adentrar nos recintos que recebem a imagem.

Na figura 13 encontra-se um altar montado para esperar São Benedito e sua comitiva, e a dona da casa anteriormente visitada prestando homenagem ao santo. Após as ladainhas entoadas, que marcam a chegada dos foliões, todos podem prestar suas homenagens diante da imagem beneditina, ajoelhando-se e beijando as fitas carregadas por ela. Para a ornamentação das casas são usadas as cores da Marujada, estas ornamentações são feitas para salientar a devoção da família que recebe a comitiva.

Cada família que se dispõe a receber a imagem de São Benedito se responsabiliza em oferecer também comida aos foliões e a todos que os estiverem acompanhando. Para algumas famílias esse ato se converteu em evento anual, sendo conhecido por todos envolvidos na festa. Nestes casos é comum ver a dona da residência oferecer comida para dezenas de pessoas que acompanham a comitiva, esse ato simboliza a ligação com a história de São Benedito, já que ele era um cozinheiro. As mulheres ficam encarregadas de preparar a comida para receber o santo e todos que lhe seguem, pois não se admite que a casa que está recebendo a imagem recuse qualquer devoto de adentrar e sentar-se para comer.



FIGURA 13. Altar montado em uma das casas para receber a comitiva e São Benedito.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

Nas comitivas predomina a figura masculina, eles são os responsáveis em carregar a imagem, flâmulas e de rezar durante todo o ritual de chegada e saída, pois “na esmolação, a masculinidade é uma característica importante na construção do ritual religioso, não só porque atrai o público, mas também em razão de servir como reverência em toda liturgia cabocla”. (FERNANDES, 2011, p. 68). Sobre a prática da esmolação, Carvalho (1930) relata que

onde a musa cabocla se tem exercitado, embora francamente, é nas festa dos Santos ou das imagens, cousa muito comum. Tirando esmolos, pelos rios e lagos, para festejar os santos, padroeiros nas cidades e villas, e mesmo exclusivamente particulares, andam em canoas com caixas, “gambás” e bandeiras, diversos indivíduos durante dias, e até mezes, os quaes são chamados “foliões”.

A imagem acompanha a folia debaixo de um toldo de palha, ornada de fitas, e aos cuidados de um indivíduo chamado “mantenedor”, que é também o encarregado ou gerente da expedição esmoleira (CARVALHO, 1930 apud FERNANDES, 2011, p. 67).

Durante o ritual da esmolação, a figura feminina quase desaparece. Elas estão destinadas a trasladar a imagem beneditina de uma residência à outra, ainda que não seja uma obrigação estritamente da mulher, pois se podem ver atualmente homens fazendo este papel. Essa prática certamente era exercida pela mulher em décadas anteriores, tendo em vista sua posição social e sua gerência do lar. Não há documentos históricos que comprovem esta obrigação, pois quando se trata das andanças das comitivas, se esbarra na falta de documentos comprobatórios, e aí se recorre aos relatos orais. As comitivas “realizam a arrecadação de donativos, como pagamento de graças alcançadas pelos promesseiros” (FERNANDES, 2011, p. 67). Ao homem compete o pagamento material enquanto a mulher se faz responsável pela produção de comidas e ornamentação da casa para receber São Benedito. Esta divisão ainda está presente nos dias atuais. Bordallo ilustra essa relação nos versos das folias cantadas pelos esmoleiros em sua obra. Mesmo sucinta, se nota a importância do papel feminino em receber os foliões.

Deus salve a dona da casa  
 Quem encontrou São Benedito  
 Na sua casa de aurora  
 Bom Jesus seja consigo.

Abre a porta do sacrário  
 Que eu quero rezar lá dentro  
 Eu quero pagar uma promessa  
 Eu devo pro casamento

Quando vejo cantoria  
 Na cantoria também vou  
 Valha-me, valha-me a Virgem Maria  
 Que é mãe do Salvadó.

Abre-se a porta do céu  
 Para ver o que havia  
 Havia uma formosa luz  
 No rosário de Maria.

Abre-se a porta do céu  
 A muito não se abria  
 Para entrar irmão devoto  
 Filho da Virgem Maria. (BORDALLO, 1981, p.79)

FIGURA 14. Mulheres de uma mesma família levando as imagens pelas ruas da cidade trajando as saias de chitão.



Fonte: Arquivo pessoal Elves Reis.

FIGURA 15. Troca da imagem beneditina entre as donas das casas que recebem a comitiva.



Fonte: Arquivo pessoal Família Pinheiro

As figuras 14 e 15 representam a chegada do santo nas residências, normalmente as mulheres esperam-no vestidas com as roupas típicas da Marujada, saia de chitão e o colete com as cores da comitiva. As visitas feitas pelas comitivas são agendadas com antecedência de alguns meses, e muitas famílias não conseguem oferecer-lhes nenhuma das refeições por falta de espaço em suas agendas. As datas são marcadas pelo procurador da Marujada na cidade de Bragança.

A tarefa de esmoleiro é bastante árdua, existe uma relação bem singular entre o folião e o santo, é comum ouvir relatos desses homens sobre as andanças realizadas na região, todas fazendo referência à relação entre eles e o santo ou entre a população e o santo. É comum ouvi-los dizer que suas andanças são previstas pelo humor do santo (neste caso se referem à imagem que a comitiva carrega), humanizando assim a figura de São Benedito e acercando-a a eles. Segundo os foliões, muitas pessoas oferecem seus animais para o santo, sendo comum o regalo de porcos, galinhas e até bois como doação, além das doações em dinheiro. Parte deste numerário é destinado para pagar os esmoladores e o restante é encaminhado para a Igreja (FERNANDES, 2011, p. 67), já que tudo que se arrecada deve ser notificado ao procurador da festa, como citado no estatuto, artigos 54º e 55º.

Art 54º. A cada um dos andadores será fornecido anualmente, um livro especial para registro de dádivas e esmoladas, o qual será rubricado pelo procurador.

Art 55º. Os andadores prestarão contas ao procurador e este ao Conselho Permanente. (*Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.*)

Outro fato bastante peculiar sobre esta parte da festa é que nos tambores usados nas ladainhas, as mulheres não podem sequer tocar, já que segundo os foliões participantes das comitivas, caso isso ocorra, o coro que reveste estes instrumentos pode alargar-se, perdendo sua afinação. Esse mito - aqui uso conceito de tradição sagrada (ELIADE, 2011) - enfatiza o poder do macho nas comitivas, rechaçando qualquer participação feminina no grupo de foliões. Para Eliade (2011), essas práticas míticas são importantes e “compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito – e não como irrupção patológica de instinto, bestialidade ou infantilidade” (ELIADE, 2011, p. 9).

Como vimos, essa primeira parte da festa de São Benedito realizada fora do centro urbano bragantino é cercada de representações quanto à figura feminina. Ainda que todo o cortejo aconteça pelas mãos masculinas através dos batuques e cantorias, se nota a presença da mulher no que diz respeito à entrada das casas por onde passa, pois, como vimos, o santo

pede permissão para a dona da residência para seguir a seu interior. Esse ato substancia o valor da mulher e sua importância no interior da residência o domínio do doméstico privado, onde ela tem a gerência deste recinto.

#### 4.5 A CHEGADA DO SANTO À CIDADE

A comitiva da praia é a última a chegar à cidade de Bragança, esta chega pelo Camutá, já que esta região está localizada diante da cidade bragantina sendo que o rio Caeté é o único divisor das mesmas, onde se realiza a romaria fluvial, pois serve para abençoar os pescadores que estão localizados às margens do rio (figuras 18 e 19).

É muito significativa a chegada desta comitiva, uma vez que, pela lenda de São Benedito de Bragança, foi nas águas do Caeté que se encontrou a imagem beneditina original, sendo erguida uma primeira ermida ao santo na margem direita do rio, na localidade de Camutá, exatamente de onde parte a última comitiva, atravessando o rio e chegando a Bragança, [...] (FERNANDES, 2011, p. 72).

A chegada da última comitiva simboliza a entrega da festa ao clero, já que neste último momento das andanças das comitivas, é o clero que se desloca à região do Camutá para encontrar esta última imagem, fazendo dessa celebração a mais suntuosa dentre as três, para muitos simboliza a passagem do “sagrado popular ao sagrado eclesiástico” (SILVA, 1997, p. 152), pois a partir deste ato as três imagens que recorriam as regiões do salgado repousarão no interior da Igreja de São Benedito.

São Benedito até então vivenciado e tocado pelos seus devotos, ao ser conduzido agora por membros do clero, passa a ser domínio do controle eclesiástico. E mesmo no trajeto do trapiche até a igreja, a imagem é conduzida por alguns momentos, por leigos importantes do lugar, legitimando assim sua autoridade e prestígio junto à sociedade local. São Benedito, antes domínio ou parte constitutiva de um “sagrado popular”, transmuda-se para o domínio e o controle de um “sagrado eclesiástico” (SILVA, 1997, p.153).

As figuras 16 e 17 mostram o sacerdote responsável pela festa de São Benedito recebendo do representante da comitiva a imagem da praia, e os mesmos seguem juntos de barco cruzando o rio Caeté juntamente com os pescadores que os seguem também em suas embarcações até à margem da cidade onde todos são recebidos pela população, e principalmente pelas marujas que neste momento usam suas roupas de ensaio, com saias de

chitão e a camisa da festa. Seguem todos em romaria até a Igreja de São Benedito onde ficarão em exposição as imagens que percorreram as regiões do salgado (figura21).

FIGURA 16. O chefe da comitiva conduzindo a imagem de São Benedito da Praia ao lado do sacerdote responsável pela festa.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 17. O momento da entrega de São Benedito ao clero, a partir deste momento o clero é principal condutor da festa.



Fonte: Arquivo Pessoal

FIGURA 18. Romaria fluvial para conduzir o santo da região do Camutá à cidade de Bragança, todos acompanhado o barco que conduz São Benedito.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 19. A população espera às margens da cidade de Bragança o santo que chega pelo rio.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 20. As Marujas vestidas com suas saias de chitão conduzem a imagem à igreja.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro



FIGURA 21. As imagens após serem entregues ao sacerdote ficam armazenadas na Igreja para visitação dos fieis.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

A chegada da última comitiva na cidade pelas águas do rio Caeté, sendo esperada pelas Marujas no cais, denota o simbolismo da mulher pronta para assumir a festa diante do povo, já que ao chegar à cidade as comitivas dão início a uma parte de festa onde a mulher ganha maior visibilidade, posto que, até então elas não participam da condução das comitivas.

A marujada, aqui representada só por mulheres, à paisana, muitas portando fitas com medalhas distintivas ao pescoço, algumas com a efígie de São Benedito e de outros santos, outras usando a fita, à frente do cortejo é o gesto simbólico que mais traduz a proximidade do tempo efetivo. Ela não apenas expressa parte da festa, mas se confunde com ela (SILVA 1997, p. 157).

A Maruja toma conta da condução da última imagem de São Benedito que chega em Bragança, fazendo um cordão de isolamento para proteger o santo (Figura 20), simbolizando sua força diante da condução dos festejos.

Na chegada à cidade se apresenta simbolicamente a interseção entre a festa de São Benedito e a Marujada. No que diz respeito à composição da festa de São Benedito de Bragança, há uma divisão entre a festa do santo e a Marujada, esta última ligada à parte profana da manifestação religiosa, contido no art. 5º do estatuto.

Art 5º. Dentro de suas finalidades a Irmandade, procurará manter as mesmas tradições de regozijo social pela sua existência e primitiva organização. Assim é que, tendo sido formado pelos primitivos irmãos uma organização profana de regozijo popular, que se denominou “MARUJADA” e que é a manifestação folclórica mais expressiva e genuinamente bragantina, será a mesma incorporação a sua organização, para melhor protegê-la e organizá-la da forma como trata o Capítulo V e artigos deste Estatuto. (Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.)

Nesse ato se observa o início da Marujada e a visibilidade da Mulher na figura da Capitoa, pois quando as Marujas mudam da saia de chitão para as indumentárias de festa ela externa o poder que lhe foi conferido pelo estatuto da Irmandade, no art. 46º, quando se dá poderes à Capitoa.

Art 46º. A “Capitoa” administrará a Marujada da melhor forma possível, de comum acordo com os demais membros do Conselho, (Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.)

Aqui, tal como em determinados períodos históricos, observa-se certo desvio do padrão social tocante ao feminino, pois, segundo Boff (1998), houve diversos fatos que corroboraram para a desmistificação da mulher submissa inferior ao varão, “entretanto a força da natureza é maior do que a força da superestrutura ideológica. Jamais faltaram aqui e acolá mulheres fortes nas quais aparecia o feminino em sua independência e nascividade” (BOFF, 1998, p. 86). Nesta parte inicial da festa onde as marujas esperam a imagem de São Benedito e a conduzem através de um cordão que representa a força, a segurança, se nota a intenção de mostrar à população sua força e independência, mulheres preparadas para proteger São Benedito, o que neste caso rompe com padrões sociais onde o homem está destinado à segurança e demonstração de força.

## 5 A MARUJADA PERTENCENTE À POPULAÇÃO BRAGANTINA, NEGROS E BRANCOS QUE LOUVAM SÃO BENEDITO.

### 5.1 O INGRESSO DOS SENHORES DA MARUJADA

Este capítulo mostrará a inserção do branco na festa de São Benedito e na Marujada, pois em sua trajetória a festa de São Benedito de Bragança ganhou a participação dos senhores e senhoras que antes estavam como espectadores, e passaram a ser devotos, e ativos participantes das homenagens realizadas para este santo, como veremos mais adiante.

O que se faz relevante frisar neste capítulo, é que houve uma transição da festa essencialmente negra para outra onde se aceitava a participação efetiva do branco, não mais como espectador, mas sim como sujeito atuante na condução dos festejos e dos cultos cristãos. O ingresso da mulher de forma mais expressiva, talvez tenha contribuído para essa mistura étnica, já que a mesma estava muito mais próxima da igreja e, por conseguinte do santo.

Soma-se também o entendimento da mulher como sujeito social neste capítulo da festa, já que na Marujada ela se fez participativa e em alguns momentos, como nas danças. Foi imprescindível na condução dos devotos e na organização do espaço de realização de alguns ritos. A constituição do poder simbólico (BOURDIEU, 2004) por parte da Capitão nos espaços ditos profanos e transformação dos mesmos em sagrados (ELIADE, 2010) se faz importante neste capítulo para que se possa entender toda a relação entre a mulher e a condução da Marujada.

### 5.2 A INSERÇÃO DO BRANCO NOS RITUAIS DA MARUJADA

Segundo Bordallo (1981, p.11) a população bragantina era constituída inicialmente por maioria indígena das tribos Caité da nação do Tubinabás, a posteriori pelos Apotianga. A chegada de 956 colonos espanhóis ocorreu por volta de 1897 a 1900 e, finalmente, a chegada do negro no século XX, que serviria de mão de obra para as lavouras e produções que constituiriam este espaço geográfico. A formação do território bragantino com a chegada do branco designado para povoar e cultivar esta região, apoiado pelo governo do estado do Pará (PETIT, 2003, p. 63), fez com que a zona do salgado ganhasse este formato.

Certamente são os brancos que aportaram nestas terras e trouxeram conhecimento das representações lusas da Marujada, da representação da luta dos Cristãos e Mouros com suas cores vermelho e azul, ainda que em Bragança atualmente se associe estas cores a São Benedito (a cor vermelha) e ao Menino Jesus (a cor azul). “Marujada é a dança conhecida em todo Brasil; trata-se de um ato dramatizado na tragédia marítima da nau Catarineta e onde predomina o canto sobre a dança”. (BORDALLO, 1981, p. 64)

Em sua obra Bordallo (1981, p. 65) ilustra essa construção da festa de São Benedito de Bragança com uma publicação da Divisão de Educação e Recreio do Departamento de Cultura de São Paulo, em que a formatação da Marujada é descrita desta forma em citação que se supõe ser de Nicanor Miranda.

É sabido que desde a época das navegações, estas foram celebradas em bailados e entremeses, em Portugal. Tais tradições, transportadas para o Brasil fixaram-se num bailado popular que provavelmente em fins do século XVIII ou princípios do seguinte, recebeu organização mais ou menos erudita de poetas certamente alfabetizados. Generalizou-se então com o título de “chegada de Marujos”, nome ao que parece já completamente esquecido da boca do nosso povo. Mas no nordeste o bailado persiste ainda bem vivo, de feição nitidamente popular e mesmo folclórico, dotado de peças musicais anônimas e de movimentação coreográfica e dramática tradicional, exclusivamente organizada por pessoas do povo (BORDALLO, 1981, p. 65).

Em Bragança essas representações ganharam um formato distinto, seguramente trazem similaridade nos nomes e nas cores, mas fogem das formas de dança encontradas em outras partes do Brasil, que se assemelham com as danças lusas, pois nessas regiões se realiza a representação da Marujada fazendo a reconstrução dos fatos ligados às grandes navegações. Na cidade de Bragança ela tornou-se muito mais uma louvação a São Benedito, já que faz parte da festa que não guarda muita semelhança com representações marítimas. Talvez tenha nascido com essa intenção para atender pedidos dos envolvidos em sua organização, no entanto não se definiu como identidade no decorrer dos anos, sendo hoje usada muito mais a explicação das cores como relacionadas, ao santo e ao Menino Jesus. A Marujada teve uma conotação mais popular quando foi institucionalizada pelos compromissos, e assim oficialmente fazendo parte dos rituais profanos da festa de São Benedito, tornando-se a maior representação da identidade dos foliões que participavam dos cultos.

A Marujada de Bragança em nada se assemelha ao auto marítimo existente em todo o Brasil com o nome de “Chegança de Marujos”, “Barca”, “Fandango”, etc. Ela é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina. Constitui uma organização profana bragantina. Constitui uma organização profana à parte da Irmandade de São Benedito, amparada pelos atuais Estatutos (BORDALLO, 1981, p. 66).

Segundo Burke (2003), chama-se “adaptação” o fato de culturas distintas se apropriarem e reutilizarem itens para uma condução mais significativa. No caso da Marujada, este fato corroborou para que houvesse uma relação pendular entre brancos e negros, pois segundo este autor, “a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente” (BURKE, 2003, p.91).

Havia sem dúvida uma relação de animosidade entre brancos e negros, e ainda estavam os indígenas que compunham este meio urbano. De certa forma, isso contribuía para a constituição da cidade, pois “as vilas e os povoados representavam espaços de circulação e de trocas, onde se misturavam negros, caboclos, índios menos arredios e brancos” (Castro, 2006; p. 15).

O contexto social escravista nacional nos leva a entender que o cenário social encontrado na cidade de Bragança no início da festa de São Benedito contribuiu para a criação de algo culturalmente expressivo, pois os negros que viviam nesta região partilhavam de um sentimento mútuo, uma união constituída pela etnia e pelo território. Este sentimento integrado formava sua identidade como bragantinos. André (2008), sobre identidade, diz que, “existe uma identidade construída na territorialidade, reconhecida no parentesco, na convivência fortalecendo os valores, as práticas culturais (algumas pelo menos), econômicas e políticas, identificando-os enquanto um grupo” (ANDRÉ, 2008, p. 108). O sentimento de pertencimento fez com que os negros tomassem como seu este território da região do salgado, olhando-o como receptivo para suas práticas religiosas e culturais. A cidade, que a priori lhes concedeu a liberdade para manifestar sua dança em agradecimento e louvor a um santo negro que os representaria, era sem dúvida seu território e deveria carregar suas representações culturais.

A inserção do branco na festa de São Benedito se dá talvez pelo fato da mulher estar mais próxima dos rituais católicos e ela por sua vez viu na devoção do negro pelo seu santo um caminho que poderia ser seguido, pois o trajeto percorrido por São Benedito se aproxima dos padrões marianos de humildade e servidão, padrões que definem a mulher como socialmente “correta”. Aqui se entrelaçam a figura feminina e a festa da Marujada. Os pedidos feitos para o santo dos negros foram alcançados, fazendo com que as esposas e filhas dos senhores da cidade comesçassem a se render ao festejo direcionado ao santo dos escravos. Ao recebê-lo em suas casas, os senhores e senhorinhas passaram a identificar-se com o santo, internalizando-o como protetor, iniciando sua participação mais efetiva na prática de louvor ao santo dos escravos. Ainda que haja pouco registro sobre essa fase inicial da festa

beneditina e seu relacionamento com o feminino, se pode perceber nos escassos documentos que a Capitoa normalmente fazia parte de uma classe social mais humilde, ainda que no barracão esta mulher ganhasse prospecção, socialmente era encontrada em ofícios de pouca importância social.

A vinculação de todas essas marujas à Irmandade de São Benedito decorre, então, de uma estratégia política, pois através dela é possível obter o que não conseguiram lutando sozinhas. Desamparadas das autoridades constituídas, pois muitas marujas só conseguiram se aposentar muito tempo depois de ter ingressado na Irmandade, e não possuindo melhor sorte na estrutura social na qual estavam inseridas e uma vez obrigadas a se lançar em diferentes ocupações, encontram na Irmandade um canal de expressão social muito grande. (SILVA, 1997, p.200)

Na citação acima demonstra a realidade das mulheres participantes da Irmandade, onde estas buscavam nesta organização certo tipo de proteção social e defesa de seus direitos.

Segundo Bourdieu (2014), ao distanciá-las das funções sociais, as aproximavam da Igreja como forma de ocupá-las e protegê-las. Essa conjuntura social era comum, pois para que se fizessem socialmente mais expressivas, as mulheres adentravam nos afazeres religiosos como forma de contribuição. No entanto, esta prática está muito mais relacionada a uma abnegação aos “conselhos” do clero que é uma força socialmente expressiva. No que diz respeito à marujada, essa prática foi sem dúvida importante para que o culto beneditino tivesse ganhado força social.

Vale ressaltar que a mulher pertencente às classes mais altas da sociedade bragantina não participava das danças no barracão, talvez pelo fato do clero por um longo período não ter visto com bons olhos essas práticas, que eram ditas profanas. O ato de dançar para São Benedito, somente ganha aceitação entre todos os moradores de Bragança no final do Século XX.

Contrastando, portanto, com o trabalho cotidiano dos atores envolvidos, dançar a marujada é uma maneira de se divertir, sendo católico, e uma oportunidade para compensar as dificuldades do dia-a-dia. Vítimas da violência experimentada cotidianamente, seus participantes transferem para o “tempo da marujada” as suas ansiedades e desejos. Como se trata de um evento anual, o entusiasmo de se preparar para esta comemoração ganha dedicação especial, pois a sua participação significa, em contrapartida, a garantia do reconhecimento social. (SILVA, 1997, p. 203/204)

No seu nascimento, a manifestação feita pelos escravos percorrendo as casas dos senhores rezando em louvor a São Benedito e depois dançando diante das mesmas, ganhou reconhecimento dos brancos. Esse fato que se distanciava da realidade do século XX na

região cauteuara, como foi descrito aqui anteriormente, nos leva a crer que os escravos que compunham o ato de louvor a São Benedito eram os que estavam mais próximos das famílias brancas. O *hibridismo cultural* (BURKE, 2010) presente nesta parte da história pode ter ajudado na construção do ser feminino na festa do santo, já que, a mulher negra estava responsável por parte da criação dos seus senhores e certamente levava seus costumes para dentro das famílias que servia. Sem dúvida a voz mais expressiva entre os negros era a feminina, já que ela conseguia estar muito mais próxima da estrutura familiar dos brancos, enquanto que o homem estava destinado às tarefas da lavoura. É possível que entre elas houvessem escravas que serviam de ama de leite para os filhos de seus senhores e eram também responsáveis pelas práticas religiosas dos negros.

A figura maternal, protetora por excelência, personagem quase que exclusivamente urbano é da mulher, geralmente negra ou mulata, envergando uniforme, condutora do lazer infantil da classe média brasileira. Atualizada sua leitura, a babá é a concentrada mistura da negra que amamentava os sinhozinhos e em muitos casos os introduzia nos saberes da vida sexual. Hoje, a imagem da babá é a da empregada doméstica, cujos afazeres se estendem à proteção materna e ao cuidado do cão vigilante (LODY, 2006, p.94).

O culto a São Benedito criou um espaço comum entre senhores e escravos, seguindo a égide do catolicismo, muito embora este lugar fosse para o negro a escusa para o uso de suas representações culturais. Ao erigir um templo para o santo os escravos construíram uma ponte que ligaria suas intenções religiosas com a permissão do clero. A igreja de São Benedito construída pelos escravos tornou-se o templo de afluência que permitia a negros e brancos cultuarem o mesmo santo. A igreja então tornou-se o marco que firmaria a interseção entre esses dois grupos, agora todos poderiam participar dos cultos a um santo negro com a escusa de que ele era cristão e detentor de uma vida dedicada a Deus.

Burke (2010) nos elucida acerca deste ponto de convergência entre o profano e o sagrado e a necessidade de cada um em buscar o transcendental. A busca por esse espaço sagrado foi certamente o ponto convergente entre brancos e negros, a igreja de São Benedito agora representaria a interseção do espaço sagrado entre esses dois grupos étnicos dispostos a demarcar na cidade de Bragança um recinto sagrado.

Se precisássemos resumir o resultado das descrições que acabamos de ler, diríamos que a experiência do sagrado torna possível a “fundação do mundo”: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o real se revela, o mundo vem à existência. Mas a irrupção do sagrado não somete projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um ‘centro’, no “caos”; produz também uma rotura no nível, quer dizer, abre a comunicação entre os níveis cósmicos (entre a terra e o céu) e

possibilita a passagem, de ordem ontológica, de um modo de ser a outro. É uma tal ruptura na heterogeneidade do espaço profano que cria o “centro” por onde se pode comunicar com transcendente, que, por conseguinte, funda o “mundo”, pois o centro torna possível a *orientatio* (BURKE, 2010, p. 59).

O que vemos desta relação trina entre brancos, negros e São Benedito, é a elevação da cultura afro-religiosa sendo aceita por conta da relação de um santo negro na igreja católica, e por isso a aceitação de sua festa na sociedade bragantina ocorreu de forma tranquila. Para Fernandes (2011), o santo representa o sincretismo nesta região, pois, “pode-se entender que São Benedito vem a ser uma resistência da cultura afro-religiosa, uma vez que não sincretizou, como os demais orixás, com os santos brancos. Ou, se pode entender, de outro modo, que São Benedito já nasceu sincrético” (FERNANDES, 2011, p.115). Por esta posição ímpar entre essas duas culturas, é que talvez este santo tenha servido como baluarte da Marujada. De uma forma simbólica, temos São Benedito unindo duas “mulheres”, a branca por sua postura devotada às leis católicas, e a negra por sua cor e seu convívio com os escravos. Cito as mulheres, pois de certa forma foram elas as responsáveis por este ponto de junção na festa beneditina. A força da mulher branca no âmago da estrutura familiar se dá pela reponsabilidade que a mesma tinha na condução educacional religiosa de seus descendentes, “a importância da educação feminina era reconhecida pelo papel que a mulher representava como educadora na família e, portanto, formadora do primeiro cidadão” (COSTA, 2005, p. 206). A aceitação da festa por parte das mulheres fez com que o culto a São Benedito fosse transmitido pelas gerações futuras. Ainda que tenha sido instaurada juridicamente por mãos masculinas, como vimos nos capítulos anteriores, a Marujada foi consolidada pelo feminino, por brancas e negras, em seus devidos papéis sociais. Desse modo se observa a figura feminina, sendo o ponto estruturante nesta convergência de culturas que compõe o culto de louvor a São Benedito, já que elas foram personagens representativos neste primeiro momento em que a marujada aceitou a participação do branco em suas manifestações religiosas.



### 5.3 A MULHER NA DANÇA PARA SÃO BENEDITO

De toda a trajetória da festa de São Benedito, o interior do barracão, onde se realizam as danças, é o que mais demarca o papel da mulher e sua importância na Marujada. Pode-se dizer que neste espaço se observa com maior clareza o “poder” feminino, já que toda a gerência dos atos praticados ali compete à capitoa e à vice-capitoa, sendo elas personagens com maior autoridade e representantes da identidade da marujada. Não há momento de maior expressividade feminina na festa, a capitoa recebe o respeito de toda a cidade enquanto está sentada no centro do barracão, lugar de destaque neste espaço. Todos que por aí passam lhe prestam homenagem ou a querem ver, tamanha é sua importância.

É importante saber que neste espaço também se disputa simbolicamente o poder da festa, já que, ainda que se saiba que a Capitoa represente um poder instituído juridicamente, há a presença masculina representada pelo papel do procurador, ocupando um lugar de destaque no barracão (Figura 22), talvez aqui todas as indagações sobre o papel feminino comece a mostrar que a festa de São Benedito é uma constante luta, talvez velada, entre o poder do homem e força adquirida pelas mulheres.

FIGURA 22. A Capitoa ao lado do Capitão da festa e ao centro da mesa o Procurador e sua filha.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro.

Para Bourdieu (2004), este sujeito adquire poder a partir de várias interferências externas, e no caso da Marujada, foi responsável por esta digressão social importante na constituição do poder simbólico conferido à Capitoa.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies - , o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2004, p.134-135).

A força da mulher neste espaço foi construída durante todo o processo histórico da Marujada, transformando-se assim neste capital simbólico importante e reconhecido pela população da cidade de Bragança.

O ritual das danças constitui o que Eliade(2010) conceitua como tempo profano, havendo para alguns integrantes valores distintos, já que as orações à missa pertenciam a um momento sagrado, completamente diferente do que se via no interior do barracão onde marujos e marujas dançavam.

Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado (ELIADE, 2010, p. 63).

Para Silva (1997), a manifestação carnalizante no interior do barracão, vista através das danças, demarca também esse limiar com o sagrado. Para cada Marujo e Maruja está presente neste ritual sua identidade de devoto de São Benedito, já que para eles ambos os espaços se coadunam, formando uma única prática de louvor ao santo. O grande diferencial neste ambiente é a liberdade em transgredir as normas de comportamento exigidas no interior da Igreja, já que no ato da dança se observam os foliões demonstrando sua felicidade de forma mais externada, confundindo-se com a libertinagem das danças fora do barracão.

A dança da marujada, como um “drama social”, corresponde, também, a um momento privilegiado para identificar dentro do catolicismo tradicional como a devoção (=sentimento) e o prazer (=festa) se manifestam de maneira a traduzir, no primeiro caso uma dimensão religiosa (o pagamento de uma promessa, a ida à

igreja, o acompanhamento da procissão) e, no segundo caso, uma dimensão carnalizante (a brincadeira, a sacanagem, o riso, a comida, a bebida). Enfim, corresponde a uma situação em que coexistem o sublime e o grotesco (SILVA, 1997, p. 201).

As danças que compõe a Marujada são: a roda, o retumbão, o chorado, a mazurca e o xote, voltando novamente para a roda (SILVA, 1997, p.208). Estas representações coreográficas traduzem toda influência externa na festa beneditina, pois as danças, mazurca e valsa têm suas origens na Europa, mesmo que a Marujada tenha incorporado características regionais como os pés descalços.

A roda (Figura 23) nos remete ao início da festa de São Benedito, quando os primeiros negros dançavam para seus senhores em forma de agradecimento, este ato ainda é realizado pelas marujas no início da dança, fazendo alusão às primeiras manifestações ao santo. Hoje esta reverência acontece diante do Juiz e da Juíza da festa, simbolismo que representa os senhores que davam seu aval para que a celebração pudesse ser realizada. Atualmente, estas posições de juízes, é o pagamento das promessas alcançadas, já que além de sua carga socialmente imponente, exige-se que os mesmos disponham de bens para financiar os almoços destinados a todos os marujos presentes.

Como o próprio nome indica, a roda se constitui de uma coreografia formada por um círculo humano de mulheres-marujas, tendo à frente a “cabeça de linha”, uma maruja subordinada à capitoa e a vice-capitoa, mas hierarquicamente superior às demais. Ao se iniciar a dança, no barracão ou em frente à igreja ou em qualquer outro lugar, uma vez formado o círculo, este não se fecha inteiramente, embora nos casos em que se atesta um maior número de marujas isso possa ocorrer. Ao centro a capitoa e a vice-capitoa, que ocupam uma posição estratégica, dão mostras da sua incontestada autoridade. A primeira com o bastão sempre é posicionada à direita ficando a vice-capitoa à sua esquerda (SILVA, 1997, p.209).

Atualmente as danças na Marujada convivem mais pacificamente com o clero, não se observa nenhum tipo de animosidade das duas partes e frequentemente os sacerdotes aparecem como observadores das coreografias realizadas no interior do barracão. É também o ritual mais comercializado fora da cidade de Bragança, talvez por esse motivo a maruja tenha ganhado mais relevância, já que suas roupas são muito mais exuberantes que a do marujo.

FIGURA 23. A Roda sendo executada como última dança da noite.



Fonte: Acervo Pessoal Família Pinheiro

No que diz respeito à Capitoa, ela personifica a Mulher para a Marujada fazendo com que o papel feminino destoe da sociedade do século XX. A aproximação da cultura negra nas danças pode ter corroborado para o engrandecimento da figura feminina, pois, como vimos, a roda é a representação do pedido de licença dos negros aos brancos para exercer sua cultura.

Em todo percurso de construção da festa beneditina a mulher seguiu paralelamente a evolução e transformação que aconteceram na cidade de Bragança e na festa de São Benedito nesta cidade, e também algumas transformações ocorridas em âmbitos sociais maiores no que diz respeito à mulher e sua posição na sociedade. Aqui se nota a luta feminina no interior da festa que tenta não somente emprestar sua imagem para representar a Marujada, mas que procura alcançar seu status representativo na festa.

#### 5.4 A MULHER MARUJA NA FESTA DE SÃO BENEDITO

Como se mostrou nos capítulos anteriores, a sociedade vivia sob interpretações masculinas. Esse valor masculino exacerbado não conseguia dar espaço para que as mulheres pudessem se libertar de sua posição pré-estabelecida socialmente, a relação homem/mulher perpassava da questão biologicamente sexual às condições e comportamentos sociais. Tais comportamentos ganham maiores proporções no casamento, já que para Foucault (1998) este era o contrato social que mais dirimia a liberdade feminina com suas normas de conduta.

Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da quaresma e das abstinências), sua frequência ou raridade: era sobretudo isso que estava saturado de prescrição. O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das constrictões; era sobretudo dela que se falava; mais do qualquer outra tinha que ser confessada em detalhes. Estava sob estreita vigilância: se estivesse em falta, isto tinha que ser mostrado e demonstrado diante de testemunha (FOUCAULT, 1988, p. 38).

Segundo Scott (1989) a visão feminina na história foi minimizada e rerepresentada para atender o varão, na Marujada e principalmente no interior do barracão se compôs uma história de igual luta para que a mulher pudesse ser vista diante da sociedade, tal como se encontrava na sociedade brasileira do século XX. Tal vez a Marujada fizesse parte de um conjunto de pessoas socialmente distintas, principalmente quando se trata das danças no interior do Barracão. As capitoas que em sua maioria eram negras mantinham uma posição distinta diante dos outros negros, seu poder era claro, já elas eram mais velhas e estavam mais próximas das casas de seus senhores. Essa formatação no interior das danças, no entanto não lhe conferia força de decisão na festa como um todo, pois era o clero e irmandade, composta por varões, que gerenciavam tal manifestação.

No que diz respeito à participação das mulheres na história, a reação foi um interesse mínimo no melhor dos casos (minha compreensão da revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela). O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculina e feminina no passado, mas também da ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. (SCOTT, 1989, p. 5).

Sobre este tema é válido salientar os conceitos de Butler (2003), quando disserta sobre como a mulher precisou passar por uma repaginação em seu contexto histórico para conseguir ser respeitada. Diversos estudos se fizeram necessários para substanciar esta luta, uma interpretação mais coerente foi necessária para incorporar a mulher em um cenário social digno, já que no decorrer do tempo os fatos relatados e contados como pertencentes a história das sociedades apresentavam visões masculinizadas, ainda que se contasse sobre feitos realizados por elas.

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando

a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não existia. (BUTLER, 2003, p.18)

Butler (2003) ainda faz a distinção clara entre sexo e gênero, definindo a sutil diferença entre estes dois conceitos. No caso da Marujada, o que prevaleceu sem dúvida foi feminino, já que para esta autora o gênero não é estático como o sexo, ele pode sofrer suas várias interpretações de acordo com seu local e sujeitos, essa interpretação dá embasamento ao que aconteceu no interior da Marujada, não se trata nesta festa do sexo feminino somente, e sim em toda a carga ideológica que carrega a mulher negra que exercia o cargo de capitão. Simbolicamente ela representava sua cor e suas crenças, já que junto com capitão, no interior do barracão eram eles os mais velhos e assim respeitados por sua sabedoria. E assim pode-se inferir que a importância dada à mulher no barracão está mais próximo do que foi construído culturalmente a partir das interpretações dos negros que habitavam este espaço geográfico.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente, fixo quanto ao sexo. Assim, a união do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2003, p. 24).

A importante contribuição de Butler nos estudos de gênero nos faz entender a singular participação da mulher na Marujada, servindo como pano de fundo para o entendimento desta manifestação na cidade de Bragança. Durante toda a história da festa de São Benedito em Bragança, nota-se a mulher como personagem coadjuvante no que diz respeito a decisões políticas. Ainda que em todos os rituais da festa ela apareça e se faça presente como figura importante para a Marujada, certamente tentar concatenar essas duas formas de olhar a mulher na festa em Bragança é algo complexo. Ao mesmo tempo em que nos processos de constituição da festa - ou no decorrer da história política envolvendo a festa beneditina - ela não tenha aparecido de forma exaltada, no que diz respeito à execução e à elaboração da festa em si, a mulher assume papel inquestionavelmente importante, como se houvesse realidades distintas para uma mesma Marujada. Na confluência de brancos e negros ela teve relevância singular, fazendo-se condutora para a continuidade do culto beneditino.

É válido ressaltar que no contexto histórico do século XX, recorte desta pesquisa, se observará uma maior participação masculina nos temas relacionados à política e decisões que

poderiam ser relevantes para a condução da cidade, haja vista que neste período a cidade de Bragança estava bastante evidente por conta das iguarias produzidas nesta região. Sendo assim, não se poderia imaginar a mulher assumindo outro papel se não o de representante da família em seu lar. Talvez esse tenha sido o principal motivo para uma aparição tão singela na história da festa de São Benedito de Bragança. Ao considerar que se trata de uma festa cristã, tudo que se referisse a seus dogmas certamente excluiria a mulher, como se observa na obra de Boff (1979) quando relata a posição dos cânones do cristianismo ao mencionar a mulher como indivíduo socialmente inferior.

Santo Agostinho, por exemplo, argumentava: “É de ordem natural entre os humanos que as mulheres estejam submetidas aos homens e os filhos aos pais; porque é questão de injustiça que a razão mais fraca se submeta à mais forte”. Santo Tomás não pensava outra coisa: “A mulher é por natureza submissa ao homem, porque o homem, por natureza, possui maior discernimento de razão (BOFF, 1979, p.14).

Neste caso, o feminino na Igreja católica vem carregado de preconceito, tendo em vista que na religião cristã a mulher foi subjugada e posta em segundo plano. Talvez a imagem da mulher tenha sido bastante difundida como objeto importante para a perpetuação da espécie, levando assim a tê-la como símbolo maternal. O cristianismo reforçou esta ideia de submissão ao ilustrar no livro dos Gênesis, cap. 3: 1-8, com a simbologia de que a mulher levara o homem ao pecado, retirando do ser masculino toda culpa pela expulsão do paraíso. Este peso perdura até os dias atuais, sendo o sexo feminino ainda obrigado a carregar este fardo imposto pela religião. Sobre esta visão epistemológica da mulher no interior do cristianismo, vemos Boff (1979) descrever como a mais relevante representante do gênero feminino é descrita em seus livros sagrados, Maria se apresenta como exemplo de submissão e humildade, sendo ela arquétipo de mulher perfeita pregada pela religião católica.

Declaramos e reconhecemos, outrossim, que quem escreve sobre o feminino é um varão e um religioso. Nisso há um limite intrínseco. Não é frequentemente que um varão reconheça que escreve como um varão. A maioria das produções teóricas dão a entender que seu autor é um homem tout court e assim se esconde os limites inerentes ao fato de alguém ser varão e não mulher ou vice-versa. A visão do feminino construída pelo varão será sempre do varão e não da mulher, embora o feminino não seja exclusivo da mulher mas também realidade própria do varão. Não estarão distantes os dias em que as mulheres elaborarão uma reflexão sistemática de Maria à luz do feminino como se realiza nelas e de forma eminente na Mãe de Deus. (BOFF, 1979, p.18)

Os valores a serem seguidos pela sociedade eram reflexos do que se pregava no interior dos atos da missa, tendo que ser seguido com boa conduta social, e neste contexto o

homem se apropria das interpretações das sagradas escrituras para conduzir a mulher neste caminho mariano de obediência.

no interior da igreja persiste um antifeminismo que, de certa forma, já foi superado pela sociedade. Existe, no nível inconsciente, mas com consequências no nível consciente, uma verdadeira teologia política do sexo que articula, no seguinte silogismo: Deus e Jesus Cristo são masculinos. Eles têm o direito de impor e mandar. Ora, masculino é o varão que representa Deus e Cristo. Logo, ele herda o direito de impor e mandar. Em outros termos, só no varão se realiza, plenamente, a natureza humana; a mulher na medida em que se associa a ele. (Boff, 1979. P.73)

No quadro do pintor holandês Rembrandt, intitulado “O Filho Pródigo”, a imagem mais expressiva é a que representa o pai, nela se observa que as mãos são diferenciadas, uma delas é feminina e a outra masculina (Figura 24). Este quadro ilustra a tentativa de esclarecer a importância que ambos os sexos coadunem para representar o arquétipo do ser divino.

FIGURA 24. "O Filho Pródigo" do Pintor holandês Rembrandt.



Fonte: <http://verenamvianney.de/wp-content/uploads/2013/03/031211.Rembrandt.VerloreneSohn.2.400x419.jpg>

A Igreja contribuiu com esse estereótipo do feminino obediente e voltado às obrigações domésticas, um pensamento que está sendo desconstruindo, mas que, no entanto fez parte de vários séculos de história da humanidade. O pensamento masculino estabelecido na sociedade esteve presente na festa de São Benedito em Bragança, que muitas vezes teve



seu caminho traçado por decisões masculinas, mas é importante salientar que a mulher esteve presente ainda que não haja documentos que relatem esta trajetória por olhos femininos. Grande parte dos documentos encontrados sobre a festa Bragantina são escritos por homens e talvez por isso o valor feminino da festa tenha sido deixado de lado. Talvez se a festa de São Benedito de Bragança tivesse relatos históricos femininos encontrar-se-ia uma diferente perspectiva em sua trajetória.

Em suma, ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre “gêneros”, a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu e reproduziu continuamente, isto é, o trabalho constante de *diferenciação* a que os homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. (BURKE, 2014, p. 102)

A festa bragantina apresenta a mulher de forma singular, as reivindicações feitas pelas mulheres na sociedade também estão presentes no interior da Marujada. Ainda que o feminino seja o maior representante da festa, por sua indumentária exuberante, há claramente uma busca de mostrar-se à sociedade por parte das marujas. Esta luta assim como é vista pelas teóricas defensoras dos direitos femininos, esteve e ainda está presente na festa beneditina. A Marujada não apresenta a mulher como sujeito participativo, ela a torna figura importante e central da festa. A mulher esteve presente em todos os eixos constituintes da festa de São Benedito, ora de forma singela, ora exaltada por todos, mas sem dúvida a principal motivadora na construção da Marujada Bragantina.

É relevante mostrar a luta de gêneros realizada para tentar reconstruir a história que de certa forma foi escrita por mãos masculinas e segundo suas visões dos fatos, pois esta distorção se apresenta também na história da festa na cidade de Bragança. A luta de gêneros apresenta indagações que se fazem bastante relevantes na Marujada, um caminho construído e que ainda está por ser finalizado, já que a festa de São Benedito ainda se observa reações masculinizadas por parte de seus organizadores e o clero, deixando a mulher como símbolo difusor da festa bragantina. Mesmo sendo instituídos poderes à Capitoa de forma jurídica encontrada no último documento denominado estatuto, durante a festa há uma luta de poderes entre a mulher representada pela Capitoa e vice-capitoa e os senhores que administram a festa, representados pelo procurador e o clero. Esse espaço de disputa foi e ainda é marcante na Marujada de Bragança;

Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa

de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço – mesmo que tal seja concebível. Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades atuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objectivas impostas a todos o que entrem nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações directas entre os agentes. (BOURDIEU, 2004, p. 134)

Os agentes envolvidos na festa de São Benedito disputam a autoridade na festa, e a capitoa representa um grupo que há pouco tempo luta por seu espaço, mesmo lhe sendo conferido apenas um poder temporal, diferente do procurador que durante todo o ano assume esse status de poder.

## 5.5 A PROCISSÃO PARA SÃO BENEDITO: MULHERES E HOMENS EM UMA MESMA DIREÇÃO OCUPANDO DISTINTOS LUGARES.

As procissões realizadas na festa beneditina em Bragança acontecem em três momentos. A primeira no dia 18 de dezembro, onde se celebra o início da festa, chamada de alvorada, é realizada pela manhã bem cedo, normalmente às cinco da manhã. Marujos e Marujas trajam suas indumentárias azuis (Figura 25), e realizam uma pequena romaria ao redor da Igreja de São Benedito. Este ato chamado por muitos marujos de “abraço” dá início à festa, e é composto basicamente pelos promesseiros habitantes da cidade bragantina que estão mais próximos dos ritos da Marujada, por isso o número de participantes não seja tão expressivo. Neste ato se encontra promesseiros de distintas idades (Figura 26), crianças participam levadas por seus responsáveis para pagar promessas e participar dos primeiros momentos da festa bragantina.

FIGURA 25. Marujas trajando suas indumentárias azuis na primeira procissão da festa de São Benedito às cinco da manhã.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 26. Crianças participantes dos ritos iniciais da festa de São Benedito.



Fonte: Arquivo pessoal Família Pinheiro

A procissão é acompanhada por instrumentos típicos das danças da Marujada como o banjo e a rabeca. Nos som da música da Marujada, os promesseiros circulam a igreja e depois se direcionam ao interior do templo para uma celebração realizada pelo sacerdote responsável da festa.

As procissões são organizadas em filas nas quais se distinguem homens e mulheres, na primeira, esta formação fica bem evidente, já que é composta por Marujos que por anos participam deste ato, e por isso obedecem às formações antigas da Marujada (figura 27). As mulheres vão à frente da romaria divididas em duas filas e os homens às seguem também divididos em duas filas. No centro estão os músicos, responsáveis pelo compasso da procissão, e a Capitoa, carregando o bastão, juntamente com a Vice-Capitoa. Este ato simboliza a importância da figura desta Maruja para a festa de São Benedito, somente as duas Marujas se mostram com tanta evidência, percorrendo entre as duas filas formadas por marujos e marujas.

FIGURA 27. Mulheres e homens ocupam lugares distintos nas procissões de São Benedito.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

A procissão que finaliza a festa no dia 26 de dezembro tem características próximas, sendo diferenciada pela indumentária, já que nesta última os marujos trajam suas roupas vermelhas. Depois de terem sido executadas as danças no barracão os marujos saem em

direção à igreja organizada em fila à meia noite, seguindo a mesma formatação da primeira procissão na qual as mulheres vão diante dos homens circundando a Igreja de São Benedito. A Capitoa e Vice-capitoa entre as duas filas formadas pelos promesseiros carregando o bastão que representa sua autoridade (figura 28). Ao concluírem as voltas na igreja, as marujas se aglomeram diante da porta central e como reverência ao santo retiram seus chapéus em louvor ao santo enquanto o sino é badalado, mostrando assim que os Marujos estão adentrando para finalizar mais um ano de Louvor a São Benedito de Bragança.

As duas procissões marcam o tempo de início e final da festa de São Benedito, e para o devoto marcam o tempo inicial com o sagrado através da festa realizada na cidade, esse diálogo entre tempo e sagrado é bem definido por essas duas romarias. Segundo Laraia (2010) essa ponte se faz fundamental para a experiência humana de santidade, a cada ano esses atos traduzem o tempo de início e término desta experiência.

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é “dada” por aquilo que os modernos chamam de “Natureza”, mas é uma criação dos *Outros*, os deuses ou os Seres semidivinos. (LARAIA, 2010. p.80)

A festa marca essa relação entre o mundo real e o sagrado marcado pela procissão inicial, ao nascer do dia, e a final, realizada nas últimas horas da noite. Nesses atos está evidenciada a relação de começo e final traduzidos pelos horários de realização das romarias. O tempo e o sagrado são próximos nestes casos, já que o sentimento de finalização também rompe com o sagrado destes atos e lugares, e principalmente a Capitoa perde sua significação ao finalizar a festa voltando a ser uma moradora comum da cidade.

FIGURA 28. Capitoa na procissão de encerramento juntamente com a Vice-Capitoa, em suas mãos está o bastão que representa seu poder de liderança.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

A procissão que mais atrai os fiéis é a que se realiza na tarde do dia 26, nesta estão todas as pessoas que querem pagar por suas promessas alcançadas. Neste cortejo se somam os não bragantinos, muitas vezes atraídos pela exuberância dos trajes. Diferente dos dois cortejos que marcam o início e final dos festejos essa, considerada a maior, percorre os principais bairros da cidade, saindo da Igreja de São Benedito, passando pelo Bairro da Aldeia, a principal rua da cidade Nazeazeno Ferreira, até retornar novamente para a orla de Bragança onde se celebra a missa principal dos festejos beneditinos. Nesta procissão não se consegue manter filas distintas de homens e mulheres pelo excesso de pessoas, as quais não se preocupam com esta ordem, e por isso não se consegue identificar as duas filas e as demarcações de espaço entre varões e mulheres.

O andor que leva São Benedito é carregado por Marujos que exercem papéis importante na festividade (figura 29), intercalando-se entre os vários presentes próximos ao santo.

A Imagem de São Benedito, de razoável tamanho, tendo à cabeça um resplendor de prata, é conduzida pelos populares; pessoas comuns, filho do procurador da extinta Irmandade, políticos, pessoas importantes da sociedade local, comerciantes, promesseiros e marujos. O acotovelamento de pessoas junto ao andor (ornado com rosas brancas, cujo trabalho e despesa estiveram a cargo da juíza da festa) ou mesmo na possibilidade de vir a segurar o cabo dele, é uma demonstração simbólica de chegar pessoalmente ao santo. (SILVA, 1997, p. 244)

FIGURA 29. Andor sendo carregado pelos marujos bragantinos.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro.

A procissão do dia 26 leva consigo as classes sociais encontradas na cidade bragantina, nela todos os bragantinos, residentes ou não em Bragança, se sentem cômodos em participar deste cortejo, alguns guardam suas indumentárias e somente as usam neste ato, não se sentem aptos para as danças no barracão, no entanto se autodenominam Marujos e Marujas. Os promesseiros que participam somente da principal romaria normalmente não adquirem as indumentárias azuis e nem tampouco participam das manifestações da Marujada nas noites em que os foliões se apresentam para louvar ao santo. Neste dia todos são convidados a participar da romaria, trajados ou não com as indumentárias de Marujos (figura 30).

Ao tratar a Procissão de São Benedito como um ritual, torna-se importante identificar quais os elementos característicos que estariam permeando esse drama social. Em primeiro lugar, é importante ressaltar o papel que o Santo exerce neste contexto. Ele é, com efeito, o elemento simbólico que comanda a procissão e a festa, muito embora se possa dizer que quem faz a festa são as camadas populares, os pobres da cidade de Bragança e das regiões vizinhas. (SILVA, 1997, p.245)

No principal cortejo da festa de São Benedito, se encontra uma mescla das classes sociais diferenciadas no cotidiano, a aglomeração de pessoas trajando indumentárias padronizadas as faz iguais neste “espaço social” (BOURDIEU, 2004), já que o que se

consegue notar explicitamente é a diferença entre Marujos e Marujas, que tentam se diferenciar em filas distintas.

Deste modo, é preciso afirmar, contra o *relativismo nominalista* que anula as diferenças sociais ao reduzi-las a puros artefactos teóricos, a existência de um espaço objectivo que determina compatibilidades e incompatibilidades, proximidades e distância. É preciso afirmar, contra o *realismo do inteligível* (ou retificação dos conceitos), que as classes que podemos recortar no espaço social (por exemplo, por exigência da análise estatística que é o único meio de revelar a estrutura do espaço social) não existem como grupos reais embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, famílias (homogamia), clubes, associações e mesmo “movimentos” sindicais ou políticos. (BOURDIEU, 2004, p.136/137)

O objetivo unificador da grande massa humana que acompanha o Santo é de pedir ou pagar por alguma graça alcançada, isso os une em uma mesma direção, no entanto as indumentárias misturadas à multidão diferenciam os marujos de São Benedito da população que transforma uma parte da cidade na tarde do dia 26 de dezembro.

Os três cortejos presentes na festa de São Benedito de Bragança são diferentes e demarcadores, pois além das indumentárias se diferenciam também em intenções. Nelas se nota claramente os Marujos que fazem parte da festa e todos os seus cultos, e os que acompanham uma das romarias para louvar ao Santo, mas todos lhe prestam homenagem de forma particular e pessoal.

FIGURA 30. Procissão do dia 26, a população e marujos juntos no trajeto.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro



### 3.4.1 A PROCISSÃO FORA DE CIDADE DE BRAGANÇA

Na cidade de Quatipurú acontece a celebração para São Benedito com características muito próximas às que acontece na cidade de Bragança. Nesta cidade as celebrações ganham aspectos populares, já que a igreja não se faz tão presente como na cidade bragantina. Os trajés são bem mais modestos e a suntuosidade das indumentárias femininas dá lugar a materiais mais simples (figura 31).

O cortejo obedece às posições nas filas, onde as mulheres assumem as primeiras posições e os homens as acompanham ocupando os últimos lugares como é visto da cidade de Bragança, no entanto um fato curioso é que nestas procissões se podem observar os foliões portando vinho (figura 32), ou até mesmo fumando. Este tipo de romaria se aproxima ao que se via na cidade de Bragança em períodos mais antigos, já que em Quetipurú existem personagens que afirmam ser descendentes dos escravos que compunham as primeiras romarias realizadas para São Benedito.

Vários foliões pertencentes à Marujada Bragantina tiveram que sair da cidade por motivos diversos e levaram consigo o ritual da Marujada, sendo comum nos dias atuais encontrar várias regiões do salgado onde se celebra a festa de São Benedito com as danças e ladainhas encontradas na cidade de Bragança. Nessas cidades as mulheres também assumem o papel de destaque nas festas, a mesma força simbólica das mulheres bragantinas.

FIGURA 31. Chapéu da Maruja feito com adornos em pano.



Fonte: Acervo Pessoal Família Pinheiro

FIGURA 32. Cortejo realizado na cidade de Quatipurú. Marujas bebendo e fumando durante a procissão.



Fonte: Arquivo Pessoal Família Pinheiro

Neste capítulo se observou a mulher partícipe dos principais rituais da festa de São Benedito, desde a guarda das imagens trazidas pelas comitivas até a condução do cortejo na última procissão no dia 26, onde se termina a festa beneditina no interior da Igreja. Mesmo sendo uma mulher comum nos dias que não se celebra a Marujada, a capitoa ganha poderes simbólicos e status de rainha em toda a cidade no mês de dezembro. Nesta busca de delimitação de espaço sagrado e profano (ELIADE, 2010), ela aparece como principal condutora dos Marujos e fiscalizadora em recordar, mesmo enquanto se realizam os rituais ditos profanos, que todos os atos devem ser direcionados ao Santo. Perante os participantes da Marujada sua autoridade é incontestável, ainda que se note certo conflito entre procurador e capitoa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, através de relato oral, pesquisa bibliográfica e de imagem, vem demonstrar que durante toda a festa de São Benedito de Bragança, houve uma participação expressiva da mulher no culto a este Santo, guardada as restrições impostas pela sociedade do século XX, já que nesse período havia sérios impedimentos nas tarefas exercidas por elas quando estavam fora de seu ambiente domiciliar. A busca pelo passado desta festa mostra um complexo caminho percorrido pelo sexo feminino na Marujada, haja vista que os estudos até então realizados não se atinham especificamente no processo de construção da mulher, tornando-se assim um trabalho de recortes e investigação em todas as pesquisas realizadas sobre a Marujada até então. Vale ressaltar que por conta desta escassez de material sobre a mulher na Marujada, fez-se necessário resgatar pequenos escritos que mencionavam de forma simplória esse envolvimento. O que de fato se constata percorrendo os estudos, principalmente dialogando com outras áreas como a história, a antropologia e letras, que se fizeram presentes nos estudos relacionados à festa beneditina, é que a mulher esteve presente em todas as fases da construção da Marujada, ora como coadjuvante, ora como personagem principal. Neste caminho entre estes dois sujeitos na festa de São Benedito, mulher e marujada, foi preciso fundamentar conceitos de cultura e identidade. Já esses temas substanciam toda essa incongruente aceitação de uma sociedade machista das mulheres como politicamente participativas.

A mulher nas datas que marcam a festa na cidade de Bragança ganha status de rainha, durante a festa a Capitoa é a figura mais importante na cidade, no entanto este poder só é observado nos dias dos rituais ao Santo, em dias comuns essa força ideológica desaparece, e a autoridade máxima volta a ser uma cidadã bragantina comum entre todos. Esta transformação relatada por Nonato Rodrigues, em entrevista, é uma transformação social que acontece quando essa mulher se traveste de Maruja, as indumentárias lhe concede este poder temporal, ainda que seu cargo seja vitalício.

*\_ Na minha opinião a mulher é a coisa mais importante da festividade no sentido da totalidade da festa, talvez não tenha tido uma, (pausa) por exemplo os homens tiveram a capacidade principal de direcionamento da coisa não tem homem entre os primeiro fundadores, a mulher não era como o que nós temos hoje com mulher [...]*

Em vários momentos conflituosos as Marujas se colocaram diante dos embates entre irmandade e o clero, como no ato relatado por Nonato Rodrigues (em entrevista), em que as marujas retiraram seus chapéus e os colocaram diante do altar onde o então **Bispo D. Eliseu**

**Maria Coroli** em discurso acabava com a irmandade de São Benedito, impondo a força do clero diante dos Marujos, mas tarde o Bispo de Bragança viria a falecer, no dia 26 de dezembro, dia da principal romaria do Santo.

Há uma trajetória das capitoas e Marujas pouco relatadas enquanto documento histórico, o que se sabe, entre as Marujas, é que a mais atuante foi a capitoa chamada “Ciloca”, que esteve à frente de várias conquistas que consolidaram este poder dado as mulheres na Marujada. Houve, e ainda há, uma forte tentativa de estabelecer o papel feminino na festa de Bragança, a luta que no século passado se dava por padrões sociais rígidos, hoje aparece de forma velada entre a parte profana da Marujada, representada pela capitoa, e o clero, e mesmo dentro do barracão a figura feminina precisa disputar um espaço de poder com a masculina na forma do procurador da festa, visto até os dias atuais, demarcado por posições em cada ritual da festa. Ainda que bem definidos os papéis de homens e mulheres há ainda uma luta interna entre o poder masculino, representado pelo clero e o procurador, e o feminino, representado pela Capitoa e Vice-Capitoa, encontrado nas entrelinhas da construção histórica da Marujada bragantina.

Em outros termos, uma “história das mulheres”, que faz parecer, mesmo à sua revelia, uma grande parte de constância, de permanência, se quiser ser consequente, tem que dar lugar, e sem dúvida o primeiro lugar, à história dos agentes e das instituições que concorrem permanentemente para garantir essas permanências, ou seja, Igreja, Estado, Escola etc., cujo peso relativo e funções podem ser diferentes, nas diferentes épocas. (BOURDIEU, 2014, p.101)

A marujada se constituiu paralelamente às questões sociais existentes na sociedade e a luta existente das mulheres em conseguir seu espaço nesta, as instituições mencionadas por Bourdieu (2014) contribuíram para que a figura feminina tivesse seu poder diminuído na marujada, e a Capitoa sua autoridade sob o poder dos “donos da Marujada” (NONATO DA SILVA, 2006), mesmo que de forma velada.

A festa Bragantina usa a mulher como principal figura divulgadora da Marujada, mas ao analisar os documentos que fundamentam a Marujada nos deparamos com uma luta constante desta figura em definir sua Identidade perante toda a comunidade.

## 7 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Maria da Conceição; **O SER NEGRO – A construção de subjetividades em afro-brasileiros**; Brasília: LGE Editora, 2008. 268p.

BAKHTIN, Michel. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rebelais**. São Paulo, Hucitec, Brasília, Universidade de Brasília. 1987.

BOFF, Leonardo. **O ROSTO MATERNO DE DEUS**. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis Rio de Janeiro, 1979

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina** – tradução Maria Helena Kühner. – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 160p.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina**. Belém: Falangola Editora, 1981.

BURKE, Peter – **Cultura Popular na Idade Moderna** – tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. “História como memória social”. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hibridismo Cultural**. Vale Rio dos Sinos –RS. Editora UNISINOS. 2003.

BUTLER, Judith P. – **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, Ascânio. **São Benedito, o Santo Negro**. São Paulo: Industria Gráfica Siqueira, 1949.

CASTRO, Edna Maria Ramos. (organização). **ESCRAVOS E SENHORES DE BRAGANÇA** ( Documentos históricos do século XIX, Região Bragantina, Pará) – Belém; NAEA, 2006

COUTO, Valentino Dolzane do. **Antologia da Marujada**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2000.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

DE BEAUVOIR, Simone – **O Segundo Sexo-Fatos e mitos**. 4ª Ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1970.

DEL PRIORE, Mary – **Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea - **O sagrado e o Profano – A essência das religiões**; tradução Rogério Fernandes. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam pés que dançam. Memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)**. Belém: EDUEPA, 2011

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 d Dezembro de 1970**; 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Editora GUANABARA KOOGAN S.A, 1989

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e o Verme – O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jaques- **História e Memória**; Tradução Bernardo Leitão – Campinas, SP, Ed. Da UNICAMP, 1990.

LODY, Raul. **O Povo do Santo: Religião, História e Culturados Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos**. 2ª ed. São Paulo, 2006.

LOPES, Nei. **Bantos e Malês e Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo – **Padres, Pajés, Santos e festas. Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Belém: UFPA, 2006.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. **Os Fios do Trançado: um estudo antropológico sobre as práticas e as representações religiosas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Homens Pretos no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, PPGSA/IFCS/UFRJ. 2009.

PETIT, Pere. **Chão de Promessas: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Estado do Pará**. Belém: Paka-Tatu, 2003.

PRIORE, Mary del; **Historias Intimas: Sexualidade e Erotismo na Historia do Brasil** Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2011.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**. Belém. Cejup, 2000.

SCOTT, Joan. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA**  
**TEXTO ORIGINAL – JOAN SCOTT – GENDER: A USEFUL CATEGORY OF**  
**HISTORICAL ANALYSES. GENDER AND THE POLITICS OF HISTORY, COLUMBIA**  
**UNIVERSITY PRESS. 1989**

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da Esperança: um estudo antropológico sobre a construção da identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança**. Belém: Falângola Editora, 1997.

THOMPSON, E.P. – **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, **Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança**. Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.)

SITES:

<http://verenamvianney.de/wp-content/uploads/2013/03/031211.Rembrand.VerloreneSohn.2.400x419.jpg>, acesso. 08 de março de 2016, às 19h.



## 8 ANEXOS

01. Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança

Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.

## ESTATUTO DA IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA

## CAPÍTULO I

## Da Irmandade e seus fins

Art 1º. A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, fundada em 1798, por iniciativa dos escravos dos moradores da antiga Vila de Bragança, conforme o seu primeiro “COMPROMISSO” firmado em 3 de setembro daquele ano, que até hoje existe, após a guarda do Procurador da Irmandade, tendo sido reorganizada em 10 de maio de 1853, data do seu segundo ‘COMPROMISSO’, aprovado pela competente “CARTA DE CONFIRMAÇÃO” passada pelo então Presidente da Província do Grão-Pará, Dr. Ângelo Custodio Correa, em 24 de Outubro de 1853, continuará a sua existência com a mesma denominação de IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA, e as mesmas finalidades, dando-lhe por este Estatuto nova organização, atualizado-se de conformidade com o presente ambiente social, tornando-a sociedade civil, com personalidade jurídica e registrando-a de acordo com as leis vigentes do País.

Art 2º. A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, reorganizada pelo presente Estatuto, é uma sociedade civil, formada por sócios de ambos os sexos; terá duração ilimitada; as suas atividades serão dirigidas no Município de Bragança, tendo por sede esta cidade e por foro o desta Comarca.

Art 3º. A finalidade da Irmandade conforme os seus antigos “COMPROMISSOS”, continua a ser a de cultuar e venerar a vida gloriosa do seu Patrono, promovendo com toda a pompa a festividade de São Benedito, a 26 de Dezembro, todos os anos.

Art 4º. Para grandeza e pompa desta festividade, devem ser mantidas as mesmas condições.

Art 5º. Dentro de suas finalidades a Irmandade, procurará manter as mesmas tradições de regosijo social pela sua existência e primitiva organização. Assim é que, tendo sido formado pelos primitivos irmãos uma organização profana de regosijo popular, que se denominou “MARUJADA” e que é a manifestação folclórica mais expressiva e genuinamente bragantina, será a mesma incorporação a sua organização, para melhor protegê-la e organizá-la da forma como trata o Capítulo V e artigos deste Estatuto.

## CAPÍTULO II

### Dos Irmãos, suas qualidades, deveres e direitos

Art 6º. A Irmandade se comporá de brasileiros, de ambos os sexos, de qualquer idade ou profissão, católico, e que por proposta de qualquer Irmão sejam aceitos pelo Conselho Permanente da Irmandade.

Parágrafo Único: Haverá na Secretaria da Irmandade um livro especial de assentamento e inscrição dos Irmãos.

Art 7º. Todos os Irmãos gozam dos mesmos direitos e têm os mesmos deveres a cumprir na Irmandade. São direitos dos Irmãos:

- a) Votar e ser votado na Assembléia Geral da Irmandade;
- b) Requerer sessão extraordinária da Assembléia Geral;
- c) Os Irmãos reconhecidamente pobres terão sepultamento por conta da Irmandade e missa celebrada no 7º ou 30º dia do seu falecimento, por sua intenção;

Art 8º. São deveres dos Irmãos:

- a) Aceitar os cargos administrativos da Irmandade, para os quais tenham sido eleitos;
- b) Zelar pelos direitos e bens da Irmandade;
- c) Pugnar pelos direitos sociais, zelando pela boa administração da Irmandade;
- d) Pagar a jóia no ato da admissão e sua anuidade pontualmente;
- e) Comparecer às sessões da Assembléia Geral ou às reuniões do Conselho Permanente ou da Diretoria da Festa ou do Conselho da Marujada, quando delas façam parte;
- f) O concorrer da melhor forma possível para o culto e festa do Glorioso São Benedito.

### CAPÍTULO III

#### Da administração da Irmandade

Art 9º. São órgãos administrativos da Irmandade:

- a) Assembléia Geral;
- b) Conselho Permanente.

Art 10º. A Irmandade terá como órgão soberano a sua Assembléia Geral. Dois terços (2/3) dos sócios quites, reunidos em Assembléia Geral têm poderes absolutos para resolver sobre tudo o que diga respeito a Irmandade, sobre o seu Estatuto e casos omissos nele.

Parágrafo Único: A reforma deste Estatuto, na forma deste artigo, só poderá ser feita depois de cinco anos, após a aprovação em sessão da Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim.

Art 11º. A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente uma vez por ano, no primeiro domingo que anteceder o dia da festa, e extraordinariamente toda vez que o Conselho Permanente o convocar ou quando, dez por cento (10%) dos sócios quites, em petição dirigida ao Conselho Permanente, solicitarem convocação e declararem os motivos da mesma.

Parágrafo Único: Na sessão ordinária a Assembléia Geral tomará conhecimento principalmente do movimento financeiro da Irmandade, inclusive aprovação de conta; dos principais atos do Conselho Permanente, da Diretoria da Festa, para o ano seguinte; e serão discutidos os demais assuntos concernente à Irmandade.

Art 12º. O Conselho Permanente será eleito pela Assembléia Geral com tempo indeterminado de mandato. O Conselho Permanente será assim um órgão administrativo de imediata confiança da Assembléia Geral, podendo qualquer um dos seus membros ou o Conselho no conjunto ser substituído, quando a Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim, resolver por maioria, presentes dois terços (2/3) de sócios quites.

Parágrafo Único: Quando ocorrer a substituição acima referida, ou por falecimento, será imediatamente feita nova eleição.

Art 13º. O Conselho Permanente se compõe, dos seguintes membros:

Procurador

Secretário

Cinco mesários

§ 1º. Ao Conselho Permanente cabe superintender a administração geral da Irmandade.

§ 2º. Somente à Assembléia Geral cabe conhecer e decidir sobre os atos do Conselho Permanente.

Art 14º. O Conselho Permanente se reunirá ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente toda vez que o Procurador convocar. As suas resoluções serão tomadas quando, presente pelo menos, quatro dos seus membros.

Art 15º. O Conselho Permanente é a mesa da Assembléia Geral, sendo o seu presidente o Procurador, que é também o Presidente do Conselho Permanente. Este será substituído em seus impedimentos, pelo Secretário, chamando-se para as substituições, os mesários, na ordem de sua classificação, dada pela eleição.

Art 16º. As eleições tanto podem ser feitas por aclamação como por votação em cédula, conforme determinar para cada caso, a Assembléia Geral.

Art 17º. Ao Conselho Permanente cabe:

- a) Zelar pela inteira observância deste Estatuto;
- b) Administrar fielmente o patrimônio da Irmandade;
- c) Fixar as despesas, organizando um orçamento anual;
- d) Aprovar ou rejeitar o orçamento e demais atos da Diretoria da festa;
- e) Nomear administrador, zelador e vaqueiro de seu patrimônio;
- f) Nomear os andadores da Irmandade;
- g) Nomear o sacristão da Igreja da Irmandade.

Art 18º. O Conselho Permanente não poderá alienar, por qualquer título, ou gravar com quaisquer ônus as propriedades e os bens da Irmandade sem prévia autorização da Assembléia Geral; quando especialmente convocada para esse fim, dará ou não autorização, conhecendo da sua utilidade ou necessidade, de acordo com o que for exposto.

Art 19º. Os membros do Conselho Permanente ou seus auxiliares que concorrem para a transgressão do artigo precedente, ficam solidariamente responsáveis para com a Irmandade, por todas as perdas e danos que lhe causarem, sem embargo da nulidade dos atos praticados e da ação judicial e penas cominada em que incorrerem.

#### Do Procurador:

Art 20º. O Procurador tanto nas reuniões do Conselho Permanente, como nas sessões da Assembléia Geral, funcionará como Presidente da mesa, e como tal terá as seguintes atribuições, que são privativas da função que exerce:

- a) Presidir as sessões da Assembléia Geral e as reuniões do Conselho Permanente;
- b) Conhecer e apôr o visto em todos os papéis do expediente, administrativos e contas da Irmandade;
- c) Convocar as sessões da Assembléia Geral e reuniões do Conselho Permanente;
- d) Cumprir e fazer cumprir as deliberações da Assembléia Geral e do Conselho Permanente;
- e) Administrar a Irmandade e todo o seu patrimônio de acordo com o presente Estatuto e deliberação do Conselho Permanente e da Assembléia Geral, dando conhecimento dos seus atos aqueles órgãos administrativos;
- f) Autorizar e pagar as despesas feitas pela Irmandade;
- g) Guardar os valores e saldos da Irmandade, sendo o responsável direto de tais valores e fazendo a necessária escrituração;
- h) Procurar cumprir o orçamento fixado, afastando-se o menos possível dele, mas podendo autorizar as despesas não consignadas e urgentes, mas disso dando ciência ao Conselho Permanente, na sua primeira reunião;
- i) Assistir ao Conselho da Marujada, quando necessário.

Art 21º. O procurador é o responsável legal da Irmandade em juízo ou fora dele.

#### Do Secretário

Art 22º. Ao Secretário compete:

- a) Preparar o expediente e atas da Assembléia Geral e Conselho Permanente;
- b) Ler as atas nas sessões da Assembléia Geral e reuniões do Conselho Permanente;
- c) Manter o expediente e os livros da Irmandade em dias e em perfeita ordem;

d) Substituir o procurador nos seus impedimentos.

### Dos Mesários

Art 23°. Os mesários em número de inço (5) compõem a mesa administrativa da Irmandade, sendo os substitutos diretos do Procurador e do Secretário ou de ambos, nos seus impedimentos.

Art 24°. Os mesários, na chapa da eleição que os tenham elegido, receberão numeração em ordem crescente de 1 a 5.

Parágrafo Único: Esta numeração e ordem será mantida para efeito das substituições, que deverão se processar na mesma ordem.

Art 25°. Aos mesários, como membros que são do Conselho Permanente, lhe cabe unção administrativa igual e solidária com os demais membros desse órgão.

## CAPÍTULO IV

### Da Festa e outros atos religiosos

Art 26°. A Festa do Gloriosos São Benedito, se fará na igreja da Irmandade, todos os anos, no dia 26 de dezembro, com o maior brilhantismo e pompa possíveis.

Art 27°. A festividade constará de novenário ou tríduo, missa solene e procissão.

Art 28°. A festa será dirigida por uma Diretoria conforme o estabelecido neste Estatuto.

Art 29°. A Diretoria da Festa deverá ter anualmente os devidos entendimento ou com o Arcebispo de Belém, ou com o Bispo de Bragança, ou com os padres da paróquia, para a realização dos atos religiosos que se efetuarem na Igreja da Irmandade, não se devendo poupar esforços no sentido de que os ditos atos religiosos, dentro do ritual cristão, sejam realizados com o maior brilhantismo possível.

Art 30°. A Diretoria da Festa é eleita anualmente pela Assembléia Geral e se comporá dos seguintes membros: Juiz, Juíza, Secretário, Tesoureiro, Cinco Mordomos e Cinco Mordomas.

Parágrafo Único: Como auxiliares e contribuintes, poderá haver um número ilimitado de juizes e juizas de promessas, honorários ou beneméritos, assim como mordomos e mordomas.

Art 31°. Os componentes da Diretoria da Festa são eleitos dentre os sócios da Irmandade. Os juizes ou juizas e mordomos ou mordomas de que trata o parágrafo único do art. precedente, são escolhidos ou aclamados pela Assembléia Geral, dentre as pessoas gradas e de maior destaque que aceitem tais encargos, sócios ou não da Irmandade.

Art 32°. Cabe a Diretoria da Festa: organizar o orçamento da festa e submetê-lo a aprovação do Conselho Permanente; esforçar-se para o maior brilhantismo possível da festa; promover toda a sorte de esforço no sentido de aumentar a renda da festa para que haja sempre saldo; administrar e promover as festividades tanto profanas como as religiosas de acordo com o encarregado de as realizar.

Art 33°. O Juiz é o Presidente da Festa e a Juíza é o seu vice-presidente.

Art 34°. Ao Juiz-presidente da Diretoria da Festa, compete: dirigir os trabalhos da Diretoria da Festa, cumprir e fazer cumprir as resoluções da mesma depois de devidamente aprovadas pelo Conselho Permanente; autorizar o tesoureiro a fazer as despesas e a apresentar relatório no fim do seu mandato.

Parágrafo Único: A Juíza, como vice-presidente da Diretoria da Festa, cabe substituir o juiz nos seus impedimentos.

Art 35°. O Secretário se encarregará do expediente e das atas das reuniões da Diretoria da Festa, escriturando-as no livro próprio.

Art 36°. O Tesoureiro se encarregará de receber o dinheiro necessário às despesas consignadas no orçamento para com ela realizar as despesas da festa; deverá manter os livros de escrituração, próprios da Diretoria da Festa, em dias e em perfeita ordem; ajudará o

procurador na escrituração geral do movimento financeiro da Irmandade; e finalmente, apresentará o balancete que juntará ao relatório do juiz-presidente.

Art 37°. Os cinco mordomos e as cinco mordomas que compõem a mesa administrativa da Diretoria da Festa são os substitutos diretos do juiz, juíza, secretário e tesoureiro, pela ordem da idade dos mesmos.

Art 38°. Só poderá entrar em execução os atos da Diretoria da Festa, com aprovação do Conselho Permanente.

Art 39°. AO Conselho Permanente cabe intervir na Diretoria da Festa, toda vez que esta não dê execução plena aos atos aprovados pelo Conselho Permanente ou ainda quando exorbite de suas funções.

Art 40°. O procurador do Conselho Permanente é membro nato da Diretoria da Festa, podendo votar e discutir os assuntos.

## CAPÍTULO V

### Da Marujada

Art 41°. A Marujada, organização tradicional da Irmandade, será constituída pelos mesmos elementos ou seus descendentes que a vem mantendo deste longa data.

Art 42°. A organização interna da Marujada é de exclusiva competência do Conselho da mesma.

Art 43°. O Conselho da Marujada é o órgão da administração da Marujada. Ele se compõe de uma “Capitoa” e de seis membros.

Art 44°. Fica mantida a atual “Capitoa” no Conselho da Marujada a quem compete escolher os seis membros do Conselho, numeradas em ordem crescente de 1 a 6.

Parágrafo Único: As substituições obedecerão à ordem numérica dos membros do Conselho.



Art 45°. Somente nos casos de falecimento ou renúncia se processará uma substituição definitiva, como acima ficou dito no parágrafo único do Art. 44°. Nesse caso a “Capitosa” escolherá novo membro do Conselho que tomará o último número.

Art 46°. A “Capitosa” administrará a Marujada da melhor forma possível, de comum acordo com os demais membros do Conselho.

Art 47°. Deverá ser procuração do Conselho de Marujada a construção de uma “barraca”, permanente, e bem construída para as suas reuniões e festas, guardar material, etc.

Art 48°. Do orçamento anual da Diretoria da Festa deverá constar um auxílio à Marujada, que não deverá ser inferior a dez por cento (10%), da renda orçada.

Art 49°. Do saldo anual da festa, dez por cento (10%), deverá torna-se fundo de reserva da Marujada.

Art 50°. O Conselho da Marujada deverá ter livros próprios não somente de atas das suas reuniões como de escrituração de valores, os quais devem ficar a guarda do Secretário do Conselho Permanente.

Art 51°. O secretário do Conselho Permanente deverá estar presente as reuniões do Conselho da Marujada não somente para auxiliá-los como para informar no Conselho Permanente do que ocorrer.

## CAPÍTULO VI

### Dos auxiliares administrativos

Art 52°. São andadores os responsáveis pela realização e arrecadação das esmolas feitas pela população bragantina ao Glorioso São Benedito. Os andadores para melhor realização e sua função, poderão convidar pessoas de confiança para que lhes ajudem nesse mister.

Art 53°. O Conselho Permanente nomeará tantos andadores quantos foram necessários devendo sempre recair essas nomeações em pessoas de inteira confiança do mesmo Conselho.

Art 54°. A cada um dos andadores será fornecido anualmente, um livro especial para registro de dádivas e esmolas, o qual será rubricado pelo procurador.

Art 55°. Os andadores prestarão contas ao procurador e este ao Conselho Permanente.

Art 56°. A Igreja da Irmandade terá um sacristão, de nomeação do Conselho Permanente, ao qual compete: manter o asseio e limpeza da igreja; abrir e fechar a igreja; tocar os sinos para a chamada dos fiéis, quando preciso, nas solenidades religiosas e falecimentos; zelar, guardar e responsabilizar-se pelas alfaias, paramentas e tudo o mais que estiver dentro da igreja do patrimônio ou não da Irmandade.

## CAPÍTULO VII

### Do patrimônio da Irmandade

Art 57°. Constituíra patrimônio da Irmandade as jóias de admissão e as mensalidades dos Irmãos, as esmolas arrecadadas, as dádivas, ofertas e promessas feitas ao Gloriosos São Benedito e entregues à Irmandade; as coletas e entregas espontâneas de esmolas feitas dentro da sua igreja; os depósitos feitos nos Bancos e Casas Bancárias, feitas em nome da Irmandade; os saldos verificados nos balancetes da diretoria da Festa, e entregues ao Conselho Permanente; os saldos existentes em mão do Procurador ou Tesoureiro; assim como tudo mais, imóveis, móveis e semoventes que entrar em inventário e consta do livro próprio, inclusive sua fazenda de gado, e quando da aprovação do presente Estatuto.

Art 58°. Os novos Irmãos aceitos pagarão a jóia de Cr\$ 5,00, e todos os Irmãos da Marujada pagarão a anuidade de Cr\$ 2,00, que poderão ser pagos de uma só vez ou mensalmente.

Art 59°. Para cada fonte de receita da Irmandade deverá ter um livro próprio como o respectivo título, para assentamento e escrituração dos valores recebidos.

Art 60°. A Igreja de São Benedito de Bragança, que é patrimônio da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, para realização da sua festa ou de outros atos religiosos, convidará os padres da paróquia ou não para a realização os mesmos atos.

Art 61°. A administração da Igreja, como propriedades da Irmandade, cabe inteiramente ao Conselho Permanente e ao seu preposto o sacristão.

Art 62°. Ao Conselho Permanente cabe todas as providências, no sentido de manter a Igreja sempre debelo aspecto, tornando-a em boas condições higiênicas, procurando melhorá-la e dotá-la, tornando-a cada vez do patrimônio mais valioso.

Art 63°. A Fazenda de São Benedito, situada nos campos deste município, faz parte do patrimônio da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Art 64°. O responsável pela dita fazenda deve ser pessoa de inteira confiança do Procurador e do Conselho Permanente, que o nomeará.

Art 65°. A Fazenda do santo deverá ter os livros próprios da escrituração, inventário, carga e descarga de animais e bens, além de outros julgados necessários.

## CAPÍTULO VIII

### Dos sufrágios

Art 66°. Os sócios da Irmandade, avisados do falecimento de um Irmão, devem comparecer a cada do falecido e acompanhar os seus restos mortais ao cemitério onde for sepultado.

Art 67°. A Irmandade fará o sepultamento do Irmão reconhecidamente pobre e mandará rezar missa pelo 7° ou 30° dia do falecimento de qualquer sócio, devendo esta missa ser assistida pelo maior número possível de Irmãos, que para tal deverão ser avisados.

Art 68°. No Domingo seguinte ao dia da festa, será mandado celebrar missa com *Libera-me*, por alma dos Irmãos falecidos.

## CAPÍTULO IX

### Disposições Gerais

Art 69°. A sede da Irmandade funcionará numa das dependências da sua igreja, previamente escolhida e destinada a esse fim.

Art 70°. A Irmandade deverá ter todos os livros necessários para a escrituração geral.

Art 71º. Todos os órgãos e pessoas que tenham movimento financeiro, ou tenham sob sua guarda valores do patrimônio da Irmandade, são obrigados a remeter semanalmente as suas contas discriminadas, para efeito de escrituração geral dos livros da Irmandade.

Art 72º. O Procurador é obrigado a apresentar ao Conselho Permanente o balancete semestral e o balanço anual do movimento geral da Irmandade.

Art 73º. A Irmandade deverá ter além dos livros de escrituração mercantil e de outros já especificados, também um livro de inventário para registro anual do patrimônio da Irmandade.

Bragança, 7 de julho de 1946.

Este estatuto foi aprovado pela assembléia Geral da Irmandade do Glorioso são Benedito de Bragança, em sessão realizada em 7 de julho de 1946.

Flodoaldo de Oliveira Teixeira

Benedito Augusto César

Luiz Paulino dos Santos Mártires

Tomaz dos Santos Martins

José Uraían Pereira Cardoso

Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa

Raimundo Antônio dos Santos

Serapião Mota

Sebastião Sancho Barbosa

Manoel Inácio Martins Pereira

Sebastião Lopes de Aviz

A rogo de Vitalina Pinheiro de Jesus

Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa

Maria Augustinha da Conceição

A rogo de Jorge Francisco da Silva

Hilário Epifânio de Oliveira

Joaquim Antônio do Rosário

Cândida Maria de Mercês

Raimundo Pinheiro Arsênio da Costa

Benedito Alves da Silva

Raimundo Sete

Odorico Antônio do Nascimento

Raimundo Mescouto

(Estas assinaturas estão devidamente reconhecidas pelo Tabelião Antônio Miranda –  
Bragança)

## 02. São Benedito - O Santo Negro

Diz o Ofício Litúrgico de São Benedito do próprio da Ordem Franciscana: "Benedito que pela sua cor preta foi chamado o santo preto". Benedito era de família descendente da África. Seus avós eram etíopes. Benedito, portanto, tinha a pele de cor negra. Uma piedade falsa dos séculos 19 e 20 (até os anos 50) queria atribuir uma cor de pele morena, quase branca, ao nosso santo, como se não ficasse bem a glorificação nos altares da raça negra. Assim como Benedito, também Santo Elesbão e Santa Efigênia são de cor negra e deram muitas glórias ao Senhor e à Igreja.

Humilde foi a origem do santo negro. Benedito era filho de Cristovam Manasseri e Diana Larcán, descendentes de escravos trazidos da Etiópia, África, para a Sicília, Itália. O pai fôra escravo de um rico senhor, Vicente Manasseri, e dele recebera o sobrenome. Diana, sua mãe, fora libertada por um cavaleiro da Casa de Lanza. E como os escravos tomavam o nome de seu senhor, veio a chamar-se Diana Larcán ou de Lanza.

Casados, Cristovam e Diana viviam como bons cristãos, fiéis à Lei do Senhor e humildes numa vida de oração e trabalho. Sua mãe, conforme consta do processo de beatificação de São Benedito, era devota fervorosa do Santíssimo Sacramento e extremamente caridosa para com os pobres, dons que Benedito herdaria por toda a vida. Cristovam era fervoroso, voltado para Deus, à família e o trabalho. Recitava diariamente com edificante piedade o Rosário de Maria e o ensinava a quantos com ele trabalhava. Diante dele ninguém blasfemava ou dizia obscenidade. Tantas vezes podia, aproximava-se da Mesa Eucarística. Mereceu a confiança dos patrões, pela honestidade e retidão que o caracterizavam no trabalho. Por isso, foi nomeado chefe dos trabalhadores. Dispunha os seus bens em favor dos mais pobres.

Um fato que chama a atenção na vida do pai de Benedito: por ciúmes, alguns companheiros de trabalho o caluniaram, dizendo que ele dilapidava os bens do patrão em nome da caridade. O honesto feitor viu-se do dia para a noite deposto de seu cargo, sofrendo vergonha e humilhação. Deus veio em seu socorro: os negócios de Manasseri não iam bem e suas terras já não produziam como antes. Morriam seus animais e seus campos eram vítimas de pragas. O patrão percebeu a injustiça que havia cometido e mandou chamar Cristovam e o reintegrou no cargo de ofício, com mais poder e autoridade que antes. Fez ainda mais: deu ao escravo piedoso e fiel, toda a liberdade para socorrer os pobres que o procurassem. Deu muitas esmolas e os negócios de Manasseri prosperaram.

Outro fato que chama a atenção nos pais de Benedito é de que fizeram voto de castidade ao contraírem matrimônio, vivendo na penitência, no trabalho e na oração. Foi o patrão quem persuadiu os pais à exercerem os seus direitos de matrimônio, prometendo dar liberdade aos

seus descendentes. Assim o fizeram, assim nasceu Benedito, fruto de uma bênção especial de Deus: Bendito! Bendito! Bendito! Era o ano de 1524. Nasceu livre quanto à condição, e mais livre quanto à santa liberdade dos remidos pelo Sangue do Cordeiro. Dele se dizia: Negro e muito formoso, devido os traços finos de seu rosto.

A formação cristã do pequeno Benedito se deve à sua mãe, Diana, virtuosa e rica da graça do Senhor. Benedito crescia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens. Cristovam e Diana, repartindo o tempo entre a oração, o trabalho e a educação de seu primogênito, viviam santamente e Benedito era levado à Igreja pelas mãos paternas. Tiveram outros filhos: Marcos, Baldassara e Fradella. Esta casou-se com um escravo chamado Antonio Nastasi, com o qual teve uma filha, Violante, que mais tarde entrou para um convento da Ordem Terceira de São Francisco, recebendo o hábito de seu tio Benedito. Chamou-se Soror Benedita e viveu santamente. Morreu em Palermo, e há testemunhas que atestam milagres operados por Deus com a sua intercessão.

Benedito foi pastor de ovelhas. Foi muito fiel ao seu dever. Enquanto pastoreava, rezava piedosamente o Rosário. Procurava os lugares mais afastados, pelos altos montes, com boa pastagem e água para seu rebanho, para poder também orar e meditar. Certa vez o encontraram escondido em uma gruta, num momento de folga, de joelhos, olhos fixos no céu, todo arrebatado em êxtase. A partir desse dia, nunca mais o ridicularizaram.

Aos dezoito anos, Benedito se abrasou no amor do Senhor e demonstrou interesse em se dedicar totalmente a Jesus. Com sacrifícios, conseguiu comprar uma junta de bois, e com eles passou a ganhar alguns trocados e socorrer os pobres. Isso durou até completar vinte e um anos de idade.

Frei Jerônimo Lanza, natural de San Marco, abandonou o mundo e se recolheu com alguns companheiros num eremitério de Santa Dominica, na região de Caronia. O Papa Júlio III autorizou aos novos eremitas professarem a Regra Seráfica de São Francisco, juntando ainda aos votos de pobreza, obediência e castidade, o voto de vida quaresmal, que os levava a jejuar 3 dias por semana. Numa de suas viagens, Jerônimo conheceu Benedito, que num momento de descanso era injuriado e zombado pelos companheiros de trabalho por causa da cor da pele. Frei Jerônimo ouviu e repreendeu severamente os injustos e lhes disse em tom profético: "Ah! hoje fazeis caçoada e ridicularizais este pobre negrinho; mas daqui a poucos anos vereis a sua fama correr todo o mundo!". Voltando-se para o patrão lhe disse: "Eu vos recomendo muito este moço porque logo ele virá em minha companhia e se há de tornar um santo religioso!"

Alguns dias depois, Frei Jerônimo voltou àquele lugar e diz, ao ver Benedito: "Que fazes

aqui? Vamos! Vende estes bois e vem comigo." Benedito não teve dúvidas e o seguiu. Seus pais, não obstante necessitassem da ajuda monetária do filho, não se opuseram à vocação do filho.

Os irmãos Eremitas Franciscanos levavam vida austera, em extrema pobreza. Mendigavam o pouco de pão nas vizinhanças, e tinham algumas ervas e água para sustentar. A habitação era paupérrima, estreita e sem conforto. Vestiam-se de grosseiro pano e passavam longas horas em oração. Depois da sua profissão solene, Benedito quis usar um manto parecido com o de São Paulo Eremita, feito de folhas de palmeira, com um capuz de lã muito velha protegendo a cabeça. Em 1562, contando o santo com 38 anos de idade, o Papa Pio IV, ouvindo os apelos de eremitas que não suportavam os rigores do 4º voto, o de vida quaresmal, ordenou que os eremitas de Frei Jerônimo se recolhessem a qualquer dos conventos franciscanos regulares, dispensando-os do 4º voto.

Benedito, indeciso quanto ao convento em que se recolheria, foi orar na Catedral Metropolitana de Palermo, diante da imagem de Nossa Senhora, sob o título de Madona di Libera Inferni e, chorando, pediu a intercessão da Mãe para a sua escolha. Ouviu a voz da Mãe falando no seu coração: "Meu filho, é vontade de Deus que entres para a Ordem dos Frades Menores Reformados": Sua vocação estava resolvida! Agradecendo à Maria, foi imediatamente ao Convento de Santa Maria di Gesù, duas milhas de Palermo.

Fatos importantes da vida de Benedito no Convento de Santa Maria di Gesù:

- foi recebido em festa pelo Guardiã dos Franciscanos Frei Arcângelo de Scieli, que conhecia sua fama de santidade;
- depois de poucos dias, foi enviado ao Convento de Sant'Ana di Giuliana, um dos Mosteiros mais fervorosos da Ordem;
- após 3 anos, voltou ao Convento de Santa Maria di Gesù, onde ficaria até a morte;
- seu primeiro ofício foi o de cozinheiro, juntando a atividade de Marta à contemplação de Maria (Lc 10, 38-42).
- Fez da cozinha um santuário de oração, vivendo sempre alegre e cheio de mansidão para com todos;
- O Arcebispo de Palermo, Dom Diogo d'Abedo, gostava de se recolher uns dias para descansar e rezar no Convento de Santa Maria di Gesù. Vindo para as festas do Natal, trouxe consigo grande quantidade de víveres. Na missa da aurora do Natal, Frei Benedito, abrasado de santo amor, vai receber a Santa Comunhão. Sente o Menino Jesus em seu coração como no presépio de Belém. Chora ao contemplar um quadro ao lado do Altar. Caiu em êxtase, ficando ali várias horas arrebatado, sem pensar nos trabalhos da cozinha. Quando estava para começar



a Missa solene Pontifical, o Superior foi à cozinha e viu o fogo apagado. Clamou por Benedito, reclamando o almoço para logo depois da Missa. O Convento ficou em polvorosa, para não fazer feio diante do Arcebispo. Foi o turiferário quem encontrou Benedito a contemplar o Menino Jesus, chamando sua atenção quanto ao almoço. A resposta de Benedito o desconcertou: Não se aflija irmão! Após a Missa, acendeu uma vela e voltou a rezar. Os irmãos o injuriavam revoltados com a preguiça e o descaso do frade negro. Viam a vergonha diante dos olhos. Benedito calou-se e calmamente acendeu o fogo. Quando chegou o horário da refeição e o Superior ordenou a arrumação da mesa, viram dois jovens acabando de preparar succulento banquete para o Arcebispo e todos do convento. As injúrias se transformaram em louvores e graças ao Senhor e ao humilde servo.

- Benedito era leigo e analfabeto. Mesmo assim, tornou-se Superior do Convento e modelo admirável no governo daquela casa;
- em 1578, reuniu-se o Capítulo Provincial dos Franciscanos no Convento de Santa Maria dos Anjos, em Palermo. Houve a separação da Reforma e da Observância da Regra, sendo que o Convento onde Benedito morava passou à Ordem Reformada. Frei Benedito foi eleito Superior, por sua santidade e servidão. Enquanto todos se alegravam, Benedito se entristeceu e procurou o Padre Superior, rogando que o liberasse desse cargo, pois era analfabeto e ignorante. Seu Superior não o liberou e, em nome da Santa Obediência declarou: Doravante serás o Superior do Convento de Santa Maria di Gesù. A Benedito coube somente obedecer;
- sua firmeza e observância das Regras faziam com que o Convento tivesse uma vida ativa e cheia de graça;
- alguns autores dizem ter sido Frei Benedito Mestre de Noviços. Há autores que discordam, pois esse cargo era exercido somente por Presbíteros. Mas a dúvida continua, pois já havia acontecido a exceção quando Benedito foi indicado para o cargo de Superior, exercido também por um Presbítero;
- os noviços tinham grande admiração por Benedito e tinham nele um grande conselheiro;
- Benedito tinha o Dom da Ciência Infusa. Sem saber ler ou escrever, conseguia dar aulas sobre todos os assuntos ligados à Religião, à Ordem ou à Fé. Tinha muita clareza, espírito e união. Teólogos e Mestres ouviam atentamente o grande santo;
- Segundo Frei Giacomo di Pazza, uma das testemunhas do processo de beatificação, não se passava um dia sem que acontecesse um prodígio operado pela intercessão de São Benedito;
- Um dos milagres operado em vida: várias senhoras, num carro puxado por cavalos, sofreram um grave acidente, no qual D. Eleonora caiu sobre uma criança de cinco meses de idade, tendo a criança morrido asfixiada. Diante do desespero de todos, Benedito tomou a criança

nos braços, põe a mão na testa gelada e recita algumas orações. Entregando a criança, disse: a senhora já pode amamentar a criança. A criança morta, em contato com o seio da mãe, adquire vida novamente e suavemente suga o leite da mãe (na imagem tradicional, São Benedito está carregando essa criança, e não o Menino Jesus, como muitos acreditam);

Em fevereiro de 1589 Benedito caiu gravemente enfermo. Embora seu médico, de grande fama na região, previsse sua morte, Benedito o alertou que ainda não havia chegado sua hora. Portanto, recuperou-se. Em março tornou a adoecer, com uma febre muito alta. Nenhum remédio o aliviava. Previu então sua morte e fez um pedido estranho: "enterrem logo o meu corpo para que não tenham contrariedade".

Recebeu a Unção dos Enfermos e o Viático, preparando-se para o encontro com o Senhor. Não aceitou ainda a colocação das velas em suas mãos, pois avisaria quando chegasse a hora. Recebeu a visita de Santa Úrsula e as onze mil virgens em visão. Daí poucos minutos, chamou Frei Guilherme e mandou que acendesse a vela e pusesse em suas mãos. Era chegada a hora. Exclamando "Jesus! Jesus! Minha Mãe doce Maria! Meu pai São Francisco", Benedito faleceu na paz do senhor. Era 04 de abril de 1589, terça-feira de Páscoa, aos 65 anos de idade, dos quais passara 21 anos no mundo, 17 no Eremitério e 27 na Ordem Franciscana.

A profecia de que era preciso enterrar logo o seu corpo, cumpriu-se após o velório. Multidão invadiu o Convento querendo relíquias ou lembranças do grande santo. Em 07 de maio de 1592, seu corpo foi transladado pela primeira vez. Do seu corpo exalava sublime perfume, sendo seu corpo encontrado em perfeito estado de conservação, sem uso de qualquer produto químico. Em 03 de outubro de 1611 foi feita a segunda transladação do corpo, colocado em urna de cristal. Ainda hoje continua conservada, exposta em Urna Mortuária para visita pública numa Capela lateral da Igreja de Santa Maria, em Palermo, Itália.

*São Benedito, o Santo Negro* - Ascânio Brandão Industria Gráfica Siqueira, 1949.

03. Entrevista concedida pelo Professor Mestre Dário Benedito no dia 08 de outubro de 2015.

Entrevistador .

\_ Segundo sua opinião como a mulher se apresenta na Marujada?

Dário Benedito.

\_ Na minha opinião a mulher é a coisa mais importante da festividade no sentido da totalidade da festa, talvez não tenha tido uma, (pausa) por exemplo os homens tiveram a capacidade principal de direcionamento da coisa não tem homem entre os primeiros fundadores, a mulher não era como o que nós temos hoje com mulher, a capitoa é uma figura simbólica do ritual da prática cultural, porque que eu chamo a prática cultural de ritual porque é a composição de um rito, há uma inversão do papel feminino, estou falando na leitura do hoje no XVIII a mulher não está nos primeiros compromissos existe a figura da mordoma, escrevi no artigo publicado no meu blog. E aí, acredito eu, que falta perceber o quê? Primeiro o que é a mulher e que tempo você está trabalhando recorda a temporalidade, depois, que função ela ocupa que é o que você está analisando, que é o que você está analisando aí, o papel da capitoa.

A capitoa tem uma função hoje, ela é um aparato simbólico, ela representa um poder temporal, porque é passageiro, embora a função seja vitalícia é Um poder temporal e isso envolve uma luta por que houve uma desgraça quando morreu a “ciloca” por que a vice da ciloca não era a Iraci, era a Elza, preste bem atenção, e “Ciloca” não era a vice da “Benedita Tamanquinho” a vice era a Elza, então quer dizer, houve um erro histórico comprovado a Elza mãe da mulher do Elcem, da “celinha” do Elecem, então há uma briga aqui por esse poder temporal, existe o poder simbólico, o poder temporal e a função social. Aqui acontece uma coisa que é muito engraçada ela só é liderança, ela só é a benigna, ela só é importante no período do ciclo da festa, então a identidade dessa mulher só existe na festividade de São Benedito durante a maior parte do tempo a capitoa era, é uma mulher qualquer como qualquer pessoa, ela passa pela rua sem importância nenhuma, como qualquer pessoa, mas quando ela se traveste com aquela indumentária naquele período da festa ela é a rainha de Bragança, quer dizer, a identidade dela se dá na festa ela não pode ser interpretada “a capitoa” aqui só pela roupa, não pode, ou só pela data, não pode, ou só pelo que ela porta, só porque ela porta o bastão, o bastão foi invenção, era uma rosa que ela carregava, doutor Bordallo escreve isso,

porque? Porque você tem que dar simbologia ao poder, então a Capitoa não pode ser interpretada só por isso, ela deve ser interpretada por sua identidade e pela formação histórica da antiga IGSBB que hoje é a irmandade da Marujada.

Entrevistador

\_ E quando e que ela absorve este poder?

Dário Benedito.

\_ Em 23 tem um compromisso bem interessante. No primeiro compromisso aparece a primeira mulher. A capitoa não tem poder político a única que teve poder político foi a “Ciloca” em 87/ 88, ela se manifestou mas não se manifestou de forma, como e que se diz, de forma imperativa, não se manifestou para decisões acho que o poder foi dado pelo rito pela o que ela faz na Marujada, as pessoas chegam lá e dizem sua benção capitoa, que nada, não representa nada disso, não tem benção alguma ela não tem poder mágico algum é um poder simbólico.

Entrevistador

\_E como é que funciona segundo sua opinião essa relação da capitoa que sem dúvida nenhuma, é esse símbolo representativo da Marujada?

Dário Benedito

\_ A mulher se tornou um símbolo importante porque ela é mais.

Entrevistador.

\_ O capitão não gerencia nada?

\_ Tem um outro gerente que é hoje a figura do procurador, como acontece essa relação?

Dário Benedito

\_ Hoje, antigamente o capitão não tinha nada. Ele é líder para começar a dança, só. Ele é um mero acompanhante, leitura feita pelo doutro Bordallo e Dedral Brandão.

Entrevistador

\_ E como é que funciona essa relação pois o que se nota é que a mulher, ela tem essa força simbólica muito exacerbada dentro do barracão e nos outros rituais da festa de São Benedito e da Marujada como é essa relação homem mulher?

Dário Benedito

\_ Na esmolação são homens, a mulher é simples acompanhante ela leva os Santos e tal, mas o resto é tudo o homem.

Entrevistador

\_ E dentro da cidade como fica com o gerenciamento de todos os atos?

Dário Benedito

\_ A marujada ela é disciplinada hoje por uma outra forma de disciplinar isso, não tem, se a gente comparar isso a gente vai cometer um anacronismo que a marujada de hoje não é a mesma de 88, deixe isso bem claro, não é, a marujada de hoje não é a mesma de 1988 é outra coisa.

Entrevistador

\_ E quais são essas diferenças?

Dário Benedito

\_ A diferença é que não existe mais a irmandade que os negros fundaram existe uma irmandade que foi usada para salvaguardar o aspecto cultural que a igreja ganhou na justiça o direito de ser dono de tudo.

Entrevistador

\_ Ok

E na sua opinião como é que essa mulher nesse início da festa, nesse transcorrer da festa conseguiu dar o formato à festa como um todo, porque a maruja mulher, as indumentárias elas representam hoje comercialmente, mas elas sempre representaram essa força status de rainha né? A Capitoa tem status de rainha mulheres da Marujada tem status de rainhas. E como é que elas chegaram nesse ponto?

Dário Benedito

- a roupa não era a mesma elas usavam roupas muito mais, eram roupas muito mais pomposas, eram muito menos cheio de modismos os chapéus eram muito mais bonitos que hoje, havia uma seriedade muito maior, hoje parece que as pessoas usam as roupas da maruja como um “abadá”, a “baianização” da festa, isso é um aspecto ruim, eu vou lá e visto a roupa. Na época de 70 era festa de preto de pobre e de puta, onde é que vai ganhar o primeiro resquício de popularização, é quando folcloristas registram a festa de São Benedito e eles registram a repercussão da festa são folcloristas que repercutem a festa por isso que não se encontra tanta literatura a Lindanor Celina, Ubiratan do rosário, o jornal liberal a província do Pará, o diário do Pará, então os folcloristas entre 50 e 70 eles vão fazendo repercussão e o folclore vai se espalhando na região como identidade cultural, então quando a gente diz assim ganhou uma amplitude maior, é, nós estamos tratando de um elemento fundamental que é a utilização da festa como marco identitário de um lugar o estado do Pará ele elegeu zonas de investimentos turísticos a daqui foi a marujada como palco. Ganha uma importância maior pela repercussão que o folclorista está fazendo a escolha política do estado que esta fortemente nos preamares da vida foi a Marujada como palco. O aumento de estudos sobre isso, o processo da justiça criou lados bem interessantes mas, em 88 foi o marco disso João Mota fez um cartaz escrito 190 anos da festa de São benedito com a foto do banco do Brasil, e publicou isso que era contrário a Don Miguel, este era ferrenho, ele lutou para reaver a irmandade para os cânones católicos. Ele (João Mota) foi impedido pelo Don Eliseu de fazer isso, mas uma das coisa que mais percebi foi no séc. XIX embranqueceu etnicamente, no séc. XX enriqueceu financeiramente, mudou-se uma série de coisas, os donos ficaram muito claros, que sabemos quem são, e diminuíram a força da devoção e criaram o cargo de São Benedito, hoje a irmandade é hoje, não se pode chamar irmandade, mas sociedade civil, já que D. Miguel não permitiu que se fundasse, O senhor Arsênio funda a irmandade para proteger o patrimônio, para poder tentar fazer recurso no tribunal, Don Minguel encerra a irmandade dos negros fundada no sec. XVIII, se não me engano é 02 de setembro ou é 12 de setembro 1988, eu estava vivo e ajudei a missa que D. Miguel toma posse as marujas renunciaram suas fitas colocaram as fitas em cima do altar eu e Danilo Augusto, ele tomou posse e o discurso todo dele foi feito de Báculo na mão e Mita na cabeça demonstrando sua autoridade aqui quem manda sou eu quem não quiser que se mude, os incomodados que se mude D. Miguel veio a falecer dia de São Benedito, 26 de Dezembro, uma grande coincidência, enorme coincidência e a marujada começou a ser popularizada os filhos das famílias começaram a participar por ser a cara de sua da cidade bragantina e isso é pensamento de hoje.

